

© Universitária Editora
1.ª Edição, 2002

*Sem autorização expressa do Editor
não é permitida a reprodução desta obra,
no todo ou em parte e por nenhum meio,
exceptuando-se a transcrição de pequenos excertos
para fins de divulgação e crítica.*

Título: De Goa? Cinco dedos de conversa

Autor: Teresa Wolf

Prefácio: John August Wolf

Capa: Fotografias de John Howard Wolf

Editor: Gil M. Cancela Leite

Edição: Universitária Editora, Lda.

Rua Camilo Castelo Branco, 23-6.º – 1150-083 LISBOA

Tel. (351) 213 162 442 – Fax 213 162 444

E-mail: geral@universitariaeditora.com

Execução gráfica: Totalgráfica, Lda.

Quinta de Santa Rosa - Pav. JLS – 2685-583 CAMARATE

Tel. (351) 219 479 036/7 – Fax 219 479 037

Depósito Legal: 182549/02

ISBN: 972-700-434-2

Teresa Wolf

De Goa? Cinco dedos de conversa



UNIVERSITÁRIA EDITORA

2002

Nota Biográfica

T. M. F. M. de Castro Pereira Wolf nasceu em Goa onde completa o curso dos liceus. Em Lisboa, forma-se como Educadora de Infância e regressa a Goa nos anos 60 para dirigir o primeiro jardim de infância sob a tutela da administração do último governador General Vassalo e Silva. Em Dezembro de 1961, no contexto da agitação da perda de Goa, deixa a sua terra natal e passa a residir em Lisboa. Em 66, casa em Londres com um professor catedrático de literatura espanhola e muda a sua residência para os Estados Unidos da América. Por força de razões académicas do seu marido norte-americano acompanha-o a viver em Madrid, Espanha onde frequentam as tertúlias literárias.

Desde 1980 residem no Algarve dedicando-se a projectos educacionais, artísticos e culturais.

Teresa Wolf publicou os seus primeiros trabalhos relacionados com educação, nos jornais de Goa, nomeadamente *O Herald*; nos Estados Unidos foi encenada uma peça de teatro por si escrita, aquando da comemoração do bicentenário da independência da América; na Alemanha, publica um trabalho jornalístico na revista *Merian* e, no Algarve, o primeiro acto da sua peça *The Moving Star* foi encenada nos anos 80 na Escola Prince Henry International.

Prefácio

Este prefácio é uma homenagem póstuma ao Arq. Sena da Silva. Após a leitura destes contos, já há algum tempo, o Sena, arquitecto-artista lançou os alicerces impulsionadores para a construção desta obra no espírito da minha mãe, dizendo-lhe que a leitura dos mesmos o tinha tocado e que deveria publicá-los. O António deveria ter escrito esta nota de abertura. Ao longo do acto criador somos confrontados com os formalismos e interjeições que pertencem aos geométricos deste mundo, mas não a Sena da Silva que sintetizou as virtudes exclusivas que oferecem a noção de originalidade e que contradizem esse quadrado limitado. A apreciação subtil das narrativas, operada por ele, equivale ao redesenhar do mais elementar conto porque a humanidade reinventa-se para ensaiar a propagação dos mais simples sentimentos. António Sena da Silva entendeu-o profundamente ao longo da sua vida e projectou essa sabedoria em empreendimentos variados mas sempre ao serviço da edificação da mais íntima humanidade. A minha mãe teve o privilégio de ser beneficiária do contributo de um verdadeiro criador, que acreditava na fluidez das formas como veículo de conteúdos frágeis e longínquos, perdidos na história mas reagrupados por força de maiores imperativos, como o imperativo da fantasia ou a premência da liberdade. Ao longo de serões – genuínas tertúlias domésticas – convivemos todos; a Leonor, mulher do António, também ela arquitecta e artista, temperava o ambiente multi-temático que incluía diferentes afinidades; a componente literária e fotográfica desenvolvida entre o Sena e o meu pai transportavam-nos para outras dimensões – sempre regadas com a efervescência de champanhe e da cozinha aromática da Leonor apenas para eternizar na memória dos que o amaram e conheceram.

John August Wolf

Outubro de 2001

O VOLKSWAGEN BRANCO

O Dick não pára de ladrar, é um cão cruzado de raças – de rafeiro, de pastor alemão, de bull-dog, de não sei que mais. É como muita gente dessa longínqua terra onde uma vez Camões se apaixonou pela escrava Bárbara.

Como dizia, o cão tinha as suas razões para ladrar, era um ladrar misto de meio júbilo e meio descontentamento. De meio júbilo porque estava à espera que o dono o levasse consigo e meio triste porque receava que o dono o mandasse calar. São os momentos que os cães apercebem por instinto. Assim, o Dick via que o seu dono preparava-se para sair do Quartel – O Alferes A... Alferes – o feres, tu feres, eu firo.

Dick levou a ordem de estar calado e lá ficou com os seus olhos cor de mel tristes e distantes. O rabo deixou-se de abanar. Como os soldados estava habituado a obedecer.

O Alferes. A..., enquanto o Alferes J.F.F. estava a revistar o seu Volkswagen branco, entrou na antevisão da sua bem-amada de olhar lânguido e melancólico. Mirou-a com temura e monologou: não é de ascendência pura, é uma amalgama de raça, religião e cultura – judia, católica, persa, hindu, muçulmana, e quem sabe até budista, asiática, euro-asiática?

Absorto no seu sonho entrou no Volkswagen branco, mais três Alferes que faziam parte do grupo.

Era costume nobre e prudente de oficiais andarem juntos, seja em passeios de carros ou passeios a pé, o grupo de que natureza for, dá reforço às acções tanto de cobardia, como de heroísmo.

O destino da viagem era Margão, cidade cheia de cor e luz com o seu jardim circular em frente do edifício da justiça, os seus salões, suportados

por colunas sólidas, mudos assistem às sentenças de juizes, sentenças que no foro jurídico são cheias de senso e que no foro popular nem sempre fazem sentido. Por isso mesmo a justiça tem olhos vendados.

Margão é uma cidade castiça com o seu mercado de bananas e mangas, filias de lojas de comércio miram, atraem, repelem os transeuntes que circulam em vias que circulam. É uma cidade de círculos, círculos de ricos, círculos de pobres, círculos de militares, círculos de civis, círculos de brâmanes e círculos de não-brâmanes, círculos de nobres e círculos de meio-nobres, enfim círculos de luso-descendentes e círculos de não-descendentes. Todos estes círculos dão volta à cabeça de um simples mortal e o transformam no seu sonho o senhor imortal.

Margão também hoje aqui em Portugal anda nos círculos de supermercados em pacotinhos de plástico contendo açafrão, piri-piri, pimenta, cominhos e coentros. São estes condimentos que trazem à memória o Estado da Índia Portuguesa. Não é em vão que diz um refrão popular inglês – THE WAY TO THE HEART IS THROUGH THE STOMACH. Margão nunca será esquecida na gastronomia portuguesa.

Pois, o destino da viagem dos nossos Alferes, era Margão; não interessa a parte estratégica da partida. O percurso sim, este vai deixar marcas numa consciência.

Os três ocupantes, incluindo o condutor, o dono do Volkswagen, lançá-lo-ão no fundo do inconsciente, mas o Alferes A..., não conseguirá pela vida fora fazer sair da sua alma esse percurso, porque a sua raiz ancestral é também panteísta e ele compreende a dialógica do 'paradigma perdido', do 'paraíso perdido'.

Os coqueiros, quais velas no altar da Natureza. oscilam com o sopro de ventos de um lado e doutro da estrada. Os arrozais exibem as louras espigas. E o pensamento do Alferes A... voa ao encontro da raposa e do princepezinho – 'Quem me cativa fica responsável'.

De repente ouve-se o chiar dos travões, uma raposa castanha, matreira, veloz atravessa mesmo em frente do Volkswagen; maldita ia perdendo a direcção e o penteado da careca galante do Alferes J.F.F.. Este barafusta e diz, 'se eu fosse Governador deste Estado mandaria fuzilar as raposas

todas'. Gargalhada geral paira dentro do carro, atravessa o tejadilho, sai, corre e vai alargando-se pelo espaço, pelo infinito.

Recomeça a conversa no interior, é sobre bananas que assinalam os dias do calendário dos mobilizados. Foi alguém que se lembrou um dia, ao almoço, num dos quartéis em Goa, em vez de contar dias que faltavam para o fim da comissão, contar bananas, por ser a sobremesa de quase todos os dias. E assim o calendário passou a ter gosto de bananas, sempre mais doce que o copo de vinho sofrido com as intempéries de viagem. A mim faltam-me noventa bananas para regressar ao Ribatejo. 'Eh pá, deixa de ser provinciano, volta para Lisboa, para o Bairro Alto e verás como tudo aí é diferente!'

Riem-se todos e a gíria do quartel continua. São quatro da tarde, o sol ainda vibra e faz suar o Volkswagen. Vão sair de uma povoação. Uma goesa 'ago' de sari branco e flores vermelhas no cabelo preto caminha bamboleando os seios firmes na berma da estrada barrenta e poeirenta.

O Volkswagen abranda a querer parar; os Alferes mandam assobios ao ar e assustam a rapariga que acelera o passo. Alguém comenta: "vamos, não é digno de nossos galões aproveitar de indefesos". Qual indefesos, qual carapuça, riposta outro. Aos soluços combinados com os solavancos da estrada dispersa-se a ideia de indefesos.

O Volkswagen desliza retomando a velocidade inicial do percurso, ele está em boas condições, foi lubrificado e revistado pelo mecânico do quartel, o mecânico era um rapaz de confiança, e trabalhara numa garagem em Lisboa antes de ser recrutado. Os Volkswagens eram a sua especialidade, tinha visto e revisto de todas as cores – brancos, vermelhos, verdes e pretos, mas a sua cor favorita era o vermelho, talvez por isso tivesse passado pela sua cabeça pertencer a uma associação que não fosse do tipo de grémio. Mas onde e como? Nunca deixara transparecer essa ideia no treino de recruta em Santa Margarida e fizera bem. Doutra forma teria sido mobilizado para África e perdido a oportunidade de ver os museus, igrejas e templos espalhados por essa Goa, Velha e Nova, também não teria sabido que as bailadeiras dos templos hindus gostam de saris vermelhos embebidos em perfumes inalienáveis de jasmim que enlouquecem os apaixonados de vermelho.

O Volkswagen não vacila, corre rápido, ganhando velocidade e está prestes a sair de uma povoação de meia centena de habitantes. O Alferes J.F.F. está jocoso e hilariante, como sempre manda as suas piadas ao ar. É um tipo castiço, alegre, despreocupado, amigo das crianças, enfim, é um Alferes recomendável para a força das Estradas, para o quadro permanente da G.N.R.

Não passam mais de cinco minutos, um vulto magrizona, vestido de branco a moda de hindus, vai cruzar a estrada, tem pouca força e vai devagar, é um fulano de idade indefinida e de identidade desconhecida, ele não se apercebe da velocidade do veículo que vem lançado na estrada. E mesmo que percebesse de que lhe valeria? É apanhado pelo Volkswagen e atirado para a valeta.

Dentro do carro reina silêncio, consequência do 'HIT AND RUN'.

O Alferes A..., fica pálido e mudo. E dentro de si repete:

Ai os teus olhos Senhora grande paixão me fizeram
E desde a primeira hora muitos cuidados me deram
Era feliz e descansado. Até os encontrar um dia
Eles me trazem cansado, perdido nesta agonia.

Mas sei que só vivo agora
Da vida que eles me deram
Ai os teus olhos Senhora
Grande paixão me fizeram.

Será que o sujeito morreu?
Será que está vivo?
Aí a dúvida, aí o momento de indecisão, aí a maldita união.
Aí o momento fugaz que me vem atormentando!

O Alferes J.F.F. deve ter entrado para G.N.R. e para acalmar a consciência transformou-se num avô pacato que passeia os seus netos algures em França ou algures na Praia das Maças.

Avô, Avô, já viu esse Volkswagen Branco?

ALI ABDUL

Ali Abdul era comerciante de relógios e bicicletas, além de outros objectos importados.

Ele gostava de importar objectos de arte japonesa. Japão era um país que ele admirava sem mesmo analisar e perceber a tecnologia que os japoneses investiam para expandirem o seu comércio; os relógios japoneses eram mais baratos que os suíços e os seus clientes não reparavam nas marcas; quanto às bicicletas eram necessárias, principalmente para a população jovem que era a maioria da sua clientela, e esta achava que o Japão merecia crédito.

Também o Ali Abdul era sócio de uma empresa que extraía minério, esta era uma sociedade apenas com três sócios: o muçulmano, ele próprio, um cristão e um hindu. Era uma sociedade feita com todas as legalidades por escritura pública e com os devidos papéis selados. Ninguém duvidava dessa sociedade, quanto ao instrumento legal e os mineiros que trabalhavam nela sentiam-se satisfeitos.

O manganésio extraído era de bom teor e o seu comprador era uma firma japonesa. Tudo tornava-se simples, importar e exportar para o Japão. O Ali Abdul era um homem simpático, tanto os hindus como os cristãos gostavam dele; ele sabia agradar a todos, se algum cliente não pudesse pagar a pronto o objecto desejado e lhe fizesse notar isso, Ali Abdul falava com o seu sobrinho, quem normalmente atendia os fregueses. chamando-o à parte explicava-lhe que não se devia deixar fugir o cliente. O sobrinho nem sempre cedia com facilidade, achava que o tio iria perder o negócio se vendesse sempre a mercadoria a prestações. Este era jovem e tinha ambições de construir a sua ilha monetária. A maioria dos muçulmanos gostava

dele e sabendo que era o único herdeiro do Ali Abdul, alguns até começaram a negociar com o tio o seu casamento mesmo antes de suas filhas atingirem a puberdade.

Jafar, seu sobrinho, tinha as suas aventuras secretas, mas sempre sabia manter as aparências e tornar-se digno de atenções. O seu desporto favorito era fazer longas viagens de bicicleta, logo de manhã cedo e quando não chovia. Vários muçulmanos que conviviam com o Ali Abdul, apenas em cerimónias religiosas, nem sempre o olhavam com bons olhos porque ele tinha feito essa sociedade com pessoas fora do seu credo. Como em todas as religiões alguns fundamentalistas extremistas arranjavam razões para desacreditar essa sociedade limitada para a exportação de minério. Ora criticavam a indolência dos mineiros cristãos baseando-se que isso era devido à sua ingestão de álcool e carne de porco, ora o malabarismo físico e espiritual dos hindus que queriam sempre pôr em plano inferior o rendimento dos trabalhadores muçulmanos.

Este tipo de comentários vinham tornando-se perigosos e houve uma ocasião em que os mineiros levantaram uma celeuma e discussão entre si, de tal ordem, que não terminou em pancadaria devido a intervenção dos capatazes que fiscalizavam a mina. Mas este incidente começou a ter repercussões; os mineiros começaram a reunir-se em grupos isolados: cristãos aqui, muçulmanos ali e hindus acolá.

As reivindicações começaram a surgir, os cristãos queriam o Sábado e Domingo sem trabalho mas remunerados também esses dois dias, os hindus só pegariam no trabalho após as nove horas da manhã e largariam antes de pôr-do-sol e também queriam o Sábado livre, os muçulmanos não iriam trabalhar na Sexta-Feira e no Sábado.

A sociedade foi obrigada a reunir-se por várias vezes, nesse mês, para estabelecer a ordem e um horário aceitável para todos os mineiros.

Após várias horas de discussão, a sociedade não era unânime, quando o Ali Abdul lembrou-se que a intervenção de três ministros de Deus, cada um representando a sua religião tivesse a força de persuasão junto dos mineiros.

Os outros dois sócios acharam a ideia com peso e prometeram que em poucos dias traria cada um representante da sua religião. A reunião ficou

marcada para o dia “X” e os três sócios apresentaram-se nesse dia acompanhados de três ministros de Deus: – O padre Francisco, o Krishna e o Muça. Eles conheciam-se, haviam sido convidados para officiar a cerimónia da abertura da mina e cada um havia proferido um discurso religioso sobre a fraternidade e orado pelo sucesso de mina. Também tinham participado após a cerimónia religiosa, no chá da festa em que iguarias típicas dos três credos, à base de açúcar, ovos, farinha, coco, leite, essências de noz moscada, canela e outras ervas aromáticas, que nenhum destes credos proibia, os havia deliciado. O chá era mesmo uma bebida típica, que as três religiões não tinham nada a censurar. Sempre que havia uma festa de inauguração dada por crentes destas religiões o chá era uma bebida de concórdia. Talvez essa a razão de se dizer que não se é malcriado, quem bebeu chá em pequeno, o malcriado aqui pode ser substituído por intolerante.

Assim, os três ministros de Deus estiveram a sós falando sobre os deveres e direitos dos mineiros durante uma hora no escritório da sociedade situado numa das ruas da cidade de Pangim, a sua sede.

Esse assunto era sério se não se conseguisse o acordo entre os mineiros; podia trazer consequências sérias para a sociedade, os lucros podiam vir a sofrer se as quantidades de minério diminuíssem e os carregamentos seriam espaçados o que certamente iria inquietar os japoneses que até eram capazes de cancelarem os contratos. E isso preocupava muito os três sócios, mas confiavam na divina providência e na sábia intervenção dos três ministros.

Se os mineiros percebessem bem a questão, organizar-se-iam e fariam um bloco, deixando as questões religiosas à parte, pois, só teriam a ganhar com isso; poderiam ter um sindicato que os representasse para exigir condições dignas de trabalho e tornar-se uma classe inexplorável. Mas isso não passava pela sua cabeça. Nas terras de Goa a palavra sindicato não era conhecida para tais fins, pela simples razão de nunca se ter sido ou ouvido em discursos ou prédicas religiosas. A Encíclica Rerum Novarum era conhecida só por minoria católica e essa minoria era a elite da sociedade goesa.

Também ainda, a Índia vizinha estava sob o domínio dos ingleses e os ventos de mudança não traziam panfletos sobre os trabalhadores e os seus direitos.

As diferenças de religião eram um bem, para tornar-se mais forte o poder material e enfraquecer o poder espiritual; mas de que vale falar do poder, se todos são filhos de Deus. E foi assim que os três ministros de Deus conseguiram entrar em negociações com os mineiros. O Padre Francisco lembrou-lhes que o grande missionário Francisco Xavier orava por todos e queria aproximar todos os habitantes de Goa e o facto é que muitos, não cristãos, ainda acorriam a Velha Goa em peregrinação.

Krishna lembrou-lhes dos templos de Manguesha e outros em que as bailadeiras ajudavam os homens de qualquer credo, infelizes no amor e no negócio, a ganharem coragem e força.

Muça fez-lhes pensar na circuncisão que era praticada desde o velho testamento e dos jejuns.

Havia, portanto, pontos comuns em todas as religiões e nestas três em Goa desde os primeiros tratados após a chegada de Vasco da Gama. As gentes de Goa tiveram sempre referências para viverem cordialmente e conseguiam prosperar nos seus negócios, independentemente de suas crenças.

Os mineiros acreditavam nos seus ministros e prometeram que trabalhariam em paz, mas gostariam que todos fossem bem remunerados para não arrastarem a sua família na miséria quando adoecessem. E pediram que o dia de descanso fosse Domingo, já que a lei assim o estipulava.

É fácil levar uma classe que acredita em ministros para onde quer que seja, é como um rebanho que segue o seu pastor e todos gostam de rebanhos. É algo de bucólico que existe no ser humano desde o tempo de tocadores de flauta. O pastor é um herói aos olhos do seu rebanho é aquele que lhes indica o caminho para as verdejantes pastagens, para as águas cristalinas e o protege de lobos.

O rebanho por instinto, gosta de ser protegido, alimentado e entretido e tanto o pastor como o ministro sabe que a sua missão é desejada, principalmente por aqueles que não compõem a música, nem escrevem a letra de canções e não gostam de pensar nos sítios de pastagens e de águas e em ambientes ecológicos.

Uma vez que a situação da greve ficou resolvida, o Ali Abdul suspirou, estendeu os braços em direcção de Meca e voltou aos afazeres do seu

coração. Esse afazer era muito mais complicado, era uma missão secreta; ninguém poderia ajudá-lo e ele ia consumindo-se nessa paixão.

Ele tinha-se apaixonado-se por uma hindu formosa, de corpo esbelto, cabelo preto apanhado em trança e enfeitado por flores todos os dias. Para Ali Abdul estas flores exalavam perfume inebriante, inigualável a outras flores de jardim que recebem água todos os dias. Devia ser a magia do cabelo preto, da sua bem amada, que as fazia serem especiais. A sua paixão por essa mulher, esposa de Vassudeva, seu sócio, seria a sua condenação se alguém viesse a descobrir.

Ali Abdul trazia-a dentro do seu peito, contentando-se apenas em vê-la todos os dias à mesma hora, às dez da manhã. Esperava sempre ansioso que o seu relógio trabalhasse bem, lubrificava-o, dava corda e tratava-o com redobrada atenção.

Lacximi, assim se chamava, a deusa dos seus amores, além de formosa era uma mulher dotada de sentido prático, era companheira fiel do seu marido que a enchia de jóias e dos saris mais bonitos que apareciam nas lojas, todos os anos na primavera.

O casal já tinha três filhos, todos varões e viviam em harmonia conjugal desde o dia do casamento, casamento esse tinha sido ajustado pelo Vassudeva com o seu futuro sogro que era oficial de diligência no Tribunal da Comarca de Pangim onde Vassudeva ia frequentemente como solicitador.

Entabularam-se relações entre os dois, profissionais e amistosas que foram progredindo ao longo dos anos e isso deu tempo ao oficial de diligência de ir traçando o plano de casamento da sua filha primogénita, a Lacximi, com o Vassudeva que era homem de estatura média, de rosto arredondado, cabelo preto levemente ondulado. Só a boca era fora do corrente, muito sensual com o lábio inferior bem arredondado e pretuberante; ele tinha consciência desse pormenor. Assim, sempre que falava com alguma senhora na sua lide profissional, fazia-o pausadamente para que as palavras saídas da sua boca rolassem como beijos atirados à distância.

Vassudeva foi convidado um dia a tomar chá pelo oficial de diligência na sua casa, após esse ano do seu conhecimento. Já nessa altura a sua filha Lacximi tinha completado dezoito anos e no bairro não havia outra que a

igualasse em beleza, mas ela não possuía o dote, nem em jóias nem em fazendas. O seu pai sabia que para casá-la tinha de usar artimanha e essa foi a que ele utilizou para atrair o Vassudeva que estava a progredir na indústria mineira.

A profissão de solicitador ajudava-o para limar as arestas de taxas fiscais e impostos em benefício próprio e arranjar conhecimentos com os burocratas da Câmara e outras pessoas. Ele gostava de ser popular também nesse ofício.

Quando o oficial de diligências o levou à sua casa para tomar o chá, o Vassudeva não esperava ver a sua filha, pois não era hábito as meninas aparecerem aos jovens sem primeiro serem ajustados os casamentos entre os pais dos nubentes.

A Lacximi apareceu com o tabuleiro de chá e desapareceu como uma visão, mas foi o tempo suficiente para o Vassudeva ficar ofuscado com a sua beleza, foi tal o golpe de paixão que impetuoso pediu-a em casamento ao oficial de diligências, sem se preocupar com outras formalidades que normalmente os pais dos noivos praticam: – de procurar saber sobre a família da noiva, se houve apenas filhos varões, ou apenas filhas, tanto do lado materno como paterno, se havia dívidas contraídas, se havia parentes que viviam debaixo do mesmo tecto, se os signos dos nubentes conjugavam, se os astros favoreciam a união e as marés não a contrariavam. Todas estas questões não tiveram validade aos olhos de Vassudeva quando os pousou na Lacximi. Ele queria era possuí-la e dar largas à sua paixão que começava a queimá-lo.

Era como se estivesse a entrar no lago de água quente e deixasse o seu corpo ir entrando nela ao som de música produzida pelos pássaros mergulhadores quando se lançam aos peixes.

O oficial de diligência, ficou surpreendido e confuso, não esperava que o Vassudeva se precipitasse de tal forma e quisesse marcar o dia de casamento.

Embora o seu desejo fosse esse de ver casada a sua filha, não via razões para uma tal precipitação, como oficial de diligências sabia que as precipitações não são boas conselheiras. Assim, respondeu ao Vassudeva que o

seu pedido o lisonjeava muito, mas que iria pensar uns dias antes de aceitar o pedido. O Vassudeva pressionou-o dizendo que desse a resposta no dia seguinte, pois, tinha de ausentar em viagem por uns dias e queria deixar arrumado o negócio.

A irmã de Lacximi estava a escutar a conversa entre os dois, atrás da porta da sala onde o seu pai e o Vassudeva tomavam o chá. Quando ouviu a palavra negócio, ficou assustada e irritada, apesar dos seus dezasseis anos tinha lido muitos romances tanto em inglês como em português e andava no último ano do liceu e para ela o casamento acordado pelos pais era realmente um negócio.

Ela já tinha tido os seus namoricos às escondidas e decidiu que só casaria por amor.

Ficou irritada e foi falar com a Lacximi que estava na cozinha. – Lacximi, sabes que o pai já tratou do teu casamento? Não sei, mas se está tratado, eu aceito o que o nosso pai decidir, respondeu-lhe a irmã. – Comigo, não vai ser assim. Ninguém dispõe de mim como se eu fosse uma mercadoria. Eu casarei por amor e irei viver longe daqui, verás como isso será.

Neste momento o oficial de diligência apareceu na cozinha e pediu a sua mulher que o acompanhasse para ir ver o Vassudeva; era uma formalidade, para a sua mulher não o censurar quando estivesse a sós.

Apesar de aparências submissas as esposas hindus sabiam cobrar na intimidade as desatenções dos maridos. A esposa viu o Vassudeva e aprovou com um gesto de cabeça a sua vinda na família como genro. Ela sabia dos seus negócios e percebeu que seria um bom partido para a sua filha Lacximi.

No dia seguinte o oficial de diligências deu a resposta ao Vassudeva e tudo ficou resolvido dentro de um mês.

A festa do casamento foi uma cerimónia com flores, perfumes e doçaria. Tudo correu às maravilhas, até os tocadores de música exibiram os seus instrumentos bem polidos e fizeram sair deles sons festivos que alegraram os convidados.

A cerimónia durou apenas um dia. O Vassudeva não queria alongar a festa por mais dias, como era o costume; o seu desejo de possuí-la era inadiável; assim logo após a cerimónia religiosa desapareceu com a sua

mulher num carrinho emprestado pelo sócio cristão, deixando os convidados perplexos.

O Vassudeva crescera nessa cultura mista de ocidental e oriental e conforme os seus desejos, respeitava uma e ignorava outra e vice-versa. Claro que podia ser censurado pelos hindus umas vezes, cristãos e muçulmanos outras, mas que diferença faz a censura quando o coração pega nas rédeas de vida. Há ocasiões para tudo, pensava ele, o hoje comanda o coração, o amanhã a cabeça e depois de amanhã os dois.

A sua lua-de-mel durou uns dias, após os quais, foram viver numa casa alugada, com mangueiras no jardim, e macieiras e papaieiras no quintal. Ao lado vivia o senhorio, uma família católica, bem portuguesa, as duas famílias foram-se dando bem.

Quando Laximi teve o seu primeiro filho e passados dez meses o segundo, a vizinha praticamente criou-o, deixando a Laximi ficar mais tempo com o primogénito.

Nas festas havia sempre reboiço e boa disposição e as duas famílias presenteavam-se com iguarias. Na festa de N. Senhora de Conceição a vizinha católica oferecia à família Vassudeva a “bebinca” e na festa de “Ganesh” esta retribuía com “jelebis”, “ladús”, etc...

Laximi dotada de senso prático não se preocupava muito com os condicionamentos de religião. Se a família católica lhe era simpática e se entabulavam laços de amizade, deixava que isso acontecesse e por isso mesmo tinha os momentos de alegria extra-conjugais.

Foi numa festa dada pelo seu marido, para comemorar o nascimento do terceiro filho que Ali Abdul ficou apanhado pela paixão. A Laximi estava mais que linda, o nascimento de três filhos fizera dela uma mulher bela e não havia convidado que não gabasse a sua beleza, Vassudeva orgulhava-se.

Ali Abdul nessa noite não dormiu, ficou a orar virado para Meca. Orou para que a sua paixão não o afundasse e caísse na tentação de querer possuí-la. Orou também que os seus olhos não deixassem de poder admirar essa beleza. Para ele a Laximi era uma pintura, poderia ficar parado diante dela horas e nunca se cansar. Só que na realidade isso lhe era proibido, proibido pela sua religião, pela sociedade limitada e pelos tabús sociais.

Assim, nessa madrugada o Ali Abdul foi iluminado com uma ideia. Iria todas as manhãs às dez horas a casa de Vassudeva, ficaria no balcão da entrada e não passaria daí.

E efectivamente começou essa visita matinal. Todos os dias Ali Abdul vestia de branco, com o fêz, o gorro vermelho de muçulmano na cabeça, sandálias nos pés e lá ia ele a pé à casa de Vassudeva. Demorava nesta viagem meia hora, quer fizesse sol, quer chuva. O Ali Abdul chegava, batia à porta e ficava à espera que a Laximi aparecesse.

Ela vinha, dava-lhe o sorriso matinal e esperava que ele falasse. Na primeira visita a Laximi informou-o que o seu marido acabava de sair. Ali Abdul sabia disso e disse-lhe que não queria falar com o Vassudeva; ela fingiu que não percebia o motivo da sua visita. A sua vaidade lisonjeada obrigou-a a continuar dissimulando e ouvir a sua conversa sobre o tempo. Ali Abdul não era grande conversador, mas era um bom observador, assim após uns momentos de silêncio disse-lhe que os seus dois filhos, que nesse momento estavam brincando fora no jardim, estavam a crescer com boas cores e que tudo à volta estava bonito: – as flores, os pássaros que saltavam de ramo em ramo nas árvores e até os muros cobertos de musgo. E sorrindo de vez em quando anunciou secretamente o seu inebriamento pela sua formosura. Laximi esboçou um gesto de ternura e disse-lhe que ia tratar do almoço e que lhe desejava um dia cheio de alegria. Ali Abdul apanhou com as duas mãos esse desejo e regressou à sua loja, sentou-se e caiu em transe em frente dos relógios que tictaqueando faziam girar a sua cabeça, obrigando-o a repetir baixinho ao ritmo do seu coração acelerado a palavra o nome: – Lac... ximi... .

No dia seguinte à mesma hora o Ali Abdul retomou o seu caminho habitual e foi com passadas largas à casa da sua bem amada, e enquanto caminhava o seu pensamento ora o acusava, ora o lisonjeava, e um desejo irresistível impelia-o a ir alimentando esta paixão com gestos simples; – da cabeça, das mãos, do corpo da Laximi, que sendo cúmplice, mantinha-se inocente e ingénua como uma criança, no desenrolar desse romance que ia tomando conta de todos os sentidos do Ali Abdul. A ela sabia-lhe bem ser amada, lisonjeada e cortejada.

A religião, pensava ela, tem também artes não só de adorar deuses mas também outras secretas de fomentar outras adorações entre os mortais. E serenamente via o Ali Abdul brincar com o seu primogénito, quando a vinha visitar, a quem mimoseava com presentes. Às Segundas dava-lhe pacotes de rebuçados, amendoins às Terças, passas de tâmaras às Quartas e “gelebis” às Quintas-Feiras. Às Sextas, Sábados e Domingos não vinha. Era necessário pedir perdão ao ALÁ nos fins de semana e evitar castigo divino e também evitar encontros com Vassudeva que atarefado com os seus negócios não dava muita importância às suas peregrinações à sua casa. Vassudeva não era de natureza ciumenta e tinha absoluta certeza que a sua Laximi não lhe trairia nunca, nem o Ali Abdul teria coragem para passar além do umbral do seu lar.

A idade do muçulmano, a sua constituição física e a sua religião não o empurrariam para aventura. Ele poderia até maldizer o seu destino, castigarse por não ter nascido noutra religião, mas fugir com a Laximi e dar largas ao seu amor, isso nunca o faria.

O sorriso da Laximi e as suas palavras bastavam para ele ir alimentando a sua felicidade. Ele sabia que sonhos desses não são para serem agarrados, realizados. São como miragens no deserto: – desejadas ansiadas e não alcançadas.

Todos os dias úteis à mesma hora o Ali Abdul aparecia à porta do Vassudeva; a Laximi vinha atendê-lo com o sorriso habitual. Ela sabia perfeitamente o que passava no íntimo dele. Achava piada à sua figura enamorada e eram-lhe gratas as suas visitas, ele dava-lhe notícias de incidentes que ocorriam na sua comunidade religiosa. Laximi tratava-o com ternura e ouvia com atenção os seus relatos narrados com poesia e encanto.

Estabeleceu-se assim, esta relação de mil uma manhãs; os dois tinham-se habituado à rotina feita de tons de vozes, de pausas, de respiração ora “vibrato”, ora “piano” como uma música que se vai compondo ao ritmo natural de tempo e espaço.

Nenhum dos dois se apercebia que tipo de música iria sair na sequência do tempo; também não estavam interessados no seu desfecho. O final, é... “afinal” simplesmente o “final”.

Um belo dia quebrou-se a rotina, foi como se quebrasse a corda ao relógio que se traz no pulso e ele parasse para sempre sem esperança de concerto. Ali Abdul não apareceu mais, adoeceu e ficou paralisado.

Laximi sentiu a sua falta, mas não perguntou a ninguém o que passaria com o Ali Abdul. Ao marido não iria perguntar e aos vizinhos muito menos.

Guardou para si o segredo dessa rotina e embalou a sua vaidade olhando-se ao espelho e vendo a sequência dos dias passados, iluminados pela figura de Ali Abdul perdida na bruma da memória.

Ali Abdul agarrado à sua cadeira de rodas virado para Meca reza, reza que ele próprio não entende. E pergunta a Deus porque não teria nascido hindu.

UM SATYAGRAHA INÉDITO

Acabava de ouvir as sete badaladas do velho relógio da minha casa, este relógio tinha tido a sua vida. Havia viajado de continente em continente e estava hoje a desfrutar a paz de um monte que ele avistava na sua frente.

O seu som encheu-me os ouvidos, e sem querer, enquanto o som ia entrando na minha memória e esta recuando, eu contei as sete pancadas uma a uma ao ritmo lento do instrumento, era um som ferrugento, opaco, metálico. Talvez o relógio necessitasse de óleo, pensei eu, levantei-me e fui observá-lo de perto; Os ponteiros e os números saltaram-me para a frente e deixei de vê-los como números do relógio e eles saltaram para cima das portas de casas. Aos quais sempre dei um sentido diferente, porque são números com rostos, rostos integrados em fachadas arquitectónicas e sei que lá dentro vivem pessoas, pessoas com o seu destino, com a sua marca, com o seu estilo.

E os sete números forçaram-me a pensar no número 16 que ficou gravado na minha memória. Recuei ao passado e fui buscá-lo ligado às três datas: 16 de Outubro, 16 de Dezembro e 16 de Maio. Datas, essas importantes para o meu subconsciente e quem sabe se elas vem emergindo do inconsciente colectivo. Na sua transformação em 7, vem dando sentido mitológico aos acontecimentos normais como nascimentos, casamentos, falecimentos e também às catástrofes, invasões, tremores, etc..

Digo normais porque ocorrem na vida das pessoas não que devam acontecer, o dever implica sempre homens, humanidade, e quando entram homens no palco do mundo, tudo tem outro cogitar. Devia, não devia?

Vivia numa cidade de Goa um médico hindu, doutorado pela Escola Médica de Goa, o seu apelido terminava em 'AR' – Cuncolencar, Carvarcar?

Só me lembro do seu primeiro nome – NARAINA, Naraina era um médico atencioso, cuidadoso e religioso; fazia da sua profissão uma missão sacerdotal. Atendia qualquer doente fosse ele cristão, mouro ou hindu. A sua casa não tinha número, tinha rosto, duas palmeiras à entrada, uma mangueira no centro do jardim e um pequeno altar mesmo à frente da porta principal da sua casa; digo altar porque aí que ele fazia o pujá com lamparinas acesas em óleo de coco e os “uz-vatis” exalando perfume. Naraina nunca saía da sua casa sem dar a volta a esse pequeno altar. Era aqui que a sua esposa lhe tinha jurado fidelidade no dia do casamento?

Naraina falava com os seus pacientes em tom pausado, conversando sobre a sua dieta, hábitos de higiene e sobre sintomas que tinham precedido a doença. Após ter ouvido o paciente com atenção, Naraina mandava-lhe abrir a boca e deitar a língua para fora, como é o costume dos médicos, só que não se sabia porque mandava os clientes tapar uma narina com o dedo e inspirar o ar pelo outro orifício. Era essa a particularidade que o fazia procurado? A qualquer hora de noite, podia-se ir chamá-lo e ele lá ia vestido meio ao europeu e meio ao indiano: – casaco e camisa a tapar o tronco e o “purvém” um pano branco que cruza as pernas e faz jeito de calças a tapar os membros inferiores. De baixo da camisa no seu tronco cruzava um fio de linho, julgo que é o fio de purificar o corpo. Naraina saía de noite, se fosse preciso, com uma lanterna e lá ia na companhia de quem o tinha vindo chamar à casa do paciente. Toda a gente dessa cidade o conhecia, aliás em cidades pequenas os médicos eram poucos. Havia os curandeiros e as benzedoras. Cada um tinha o seu papel, os curandeiros só falavam concanim, língua de Goa; os curandeiros não só viam os doentes, porque era hábito, mas também os moços casadoiros para saber se a noiva escolhida pela família iria despertar-lhes paixão. Estes eram conhecedores de astrologia e sabiam ler as linhas de palma de mão. Sabiam dar poções feitas com ervas e até passavam metal amarelo pelo corpo quando aparecia alguém com alergias na pele. As benzedoras eram normalmente senhoras, benziam o paciente num rito misto de pagão e cristão. Em certas noites da semana elas queimavam pimentas secas e sal no recipiente de barro ou metal, enquanto diziam rezas; o fumo saído à volta do paciente provocava por vezes convulsões e ataques de tosse que atrapalhava a reza

da benzedora. mas tudo terminava em bem quando a janela do aposento era aberta e uma lufada de ar fresco entrava pela casa dentro.

Algumas benzedoras até sabiam falar inglês além do português. Eram mulheres já maduras, sabidas, seguras e confiantes do seu mister. Nunca lhes tinha afectado a crise de menopausa, porque como os médicos também tinham conhecimentos sobre as artes de Hipócrates. As vezes podiam ser hipócritas, quando eram apresentadas aos médicos e parteiras.

Os médicos não desconheciam a existência destes seus colegas criados pela tradição e pelo “folk ways” nem sequer recomendavam aos seus pacientes para os ignorar. Naraina até acreditava que o que curava os seus pacientes, além dos seus medicamentos, era a força da sua crença no médico, no curandeiro e na benzedora. É a encruzilhada de três caminhos que leva o caminhante a pressentir a chegada, pensava ele.

Não era por falta de amor à sua profissão que Naraina acreditava nessa trilogia, era a sua filosofia de estar na vida, era de acreditar que cada um encontra o seu remédio também e que este não invalida o outro da medicina.

Assim decorriam os seus dias dedicados à medicina e à sua família. A sua esposa Durga era uma companheira feliz, fazia os seus afazeres caseiros com esmero, sabia tocar o “peti” uma pianola com foles, com muita mestria.

Os doentes que iam ao consultório do Naraina que ficava numa casinha ao lado no prolongamento do seu jardim, transfiguravam-se ao ouvi-la e nos seus rostos notava-se por momentos, uma outra cor. Um dia, um certo paciente que sofria de perturbações mentais e que vinha consultar o doutor Naraina, ouviu a música e não se conteve, saiu do consultório em passadas largas, cruzou o pátio a rodopiar e entrou pela porta dentro da residência do doutor e caiu ao pés de Durga que tocava o peti e adormecia a sua primogénita. Todo ele tremia um tremor de êxtase e nostalgia fazia brilhar os seus olhos, estendeu as mãos em gestos lentos de uma bailarina e inclinando-se para o berço levantou a menina, com todo o cuidado como quem vai oferecer uma flor à deusa e proclamou-a condutora de marchas.

Entretanto o Dr. Naraina apareceu e no seu tom calmo pediu-lhe que deixasse o bebé no seu berço dormir. O paciente caiu em si, pousou o bebé no berço agarrou-se ao braço do doutor e acompanhou-o ao consultório.

Durga, após esse incidente, deixou de tocar por vários dias, enquanto o marido dava as suas consultas, até que o próprio marido sentindo a falta da melodia pediu-lhe que não se preocupasse com os seus pacientes que geralmente se acalmavam com a música e que a ele ajudava a escrever a prescrição com a precisão de notas musicais.

Assim, o som do peti voltou a ser ouvido. Durga além dessa arte, também era dotada nas artes de Epicuro Oriental, os caris variados: – de lentilhas, de ovos, de peixe, de marisco e de hortaliça faziam espalhar aromas pelas árvores que cercavam o jardim e esvoaçando como passarinhos de copa em copa entravam pela casa dos vizinhos que aspiravam com delícia, dilatando as narinas, o perfume exótico da mistura de especiarias; a que a Durga sabia dar o seu toque particular.

Nenhum dos seus vizinhos dos quatro pontos cardeais chegou a adoecer e consultar o doutor Naraina, todos eles vieram morrer de velhice; há quem diga que foi devido as artes culinárias e musicais da Durga. O som do “peti” banhado em aromas entrava por todos os sentidos de vizinhos e limpava-os de humores nocivos. São segredos do corpo humano que o próprio ser humano desconhece.

Todos os anos a Durga ficava grávida e dava ao seu marido uma filha que ele recebia com resignação. Naraina, todos os anos durante sete anos, esperou o filho varão – Durga ficava grávida de dez em dez meses.

Na quarta gravidez de Durga, Naraina resolveu ir purificar-se no Ganges e orar no templo de Laximi. Banhou-se no Ganges com toda a devoção e orou no templo com o coração cheio de esperança. E tão convencido ficou que seria pai de um filho, que não resistiu, à saída do templo, a comprar um berço para o menino; o berço era feito de ripas de madeira lacada, na cabeceira algumas ripas eram trabalhadas para fazer uma moldura para caber um retrato.

Naraina sabia desenhar bem a crayon e numa das exposições de desenhos sobre a anatomia no seu ano de finalistas até havia ganho uma menção honrosa, assim passou por uma loja em “Benares” e comprou um estojo de crayons e fez um desenho de um bebé macho e com alegria guardou-o numa caixinha, juntamente com o berço, para armá-lo logo que nacesse o bebé.

Quando chegou à casa encontrou a Durga cercada da sua mãe e da parteira, havia já sinais de parto; Naraina que além de clínica geral praticava obstetrícia ficou algo alarmado pensando que tivesse surgido alguma complicação, mas quando a observou viu que tudo funcionava bem e que devia ter havido um engano da Durga na contagem dos dias. Se como médico sentisse tranquilo, como pai ia ficando ansioso e não queria crer que fosse nascer outra menina.

Como vinha cansado quis ir descansar um pouco, avisando a parteira que o chamasse assim que as contracções começassem a ser mais aceleradas. A parteira pediu-lhe que ficasse descansado que tudo iria correr bem.

Naraina adormeceu rapidamente e foi assaltado por sonhos, sonhos de meninas vestidas de saris brancos a correrem pela praia de Colvá.

Colvá é uma praia que fica na memória para sempre de quem a pisa, mesmo que seja uma vez, é de areia branca que se estende a perder de vista, são quilómetros de comprimento. Cá em cima nas dunas de areia crescem coqueiros viçosos coroados por palmas verdes, que irradiadas em círculos parecem soldados alinhados com sombreiros abertos a vigiarem na brancura da praia. Será que irá ser violada com esgotos, poluída com petróleo e outros químicos? Perguntam os coqueiros uns aos outros ao som do quebrar das ondas.

O coqueiro tem orgulho machista e não gosta que lhe dêem o nome de palmeira e tem a sua razão. O seu tronco serve para fazer vigas das casas, o seu fruto, o coco está envolvido numa casca dura e dele se extrai o óleo e também se faz bebida alcoólica, o “feni” um tipo de “Uzo grego”. Tanto o óleo como o feni, o primeiro untado e o segundo engolido transformam o homem em símbolo de vigor e potência. Como todo o macho só sabe gabar os seus dotes fortes. Não vamos esquecer que o coco também é empregado em doçaria fina incluindo o finíssimo pudim – a bebinca.

Naraina não via coqueiros no seu sonho via as suas sete filhas a correrem pela praia perseguidas por soldados. Elas agarravam-se aos coqueiros que se curvavam até a praia com peso de vento e chuva que caía em jorões. Os relâmpagos e as trovoadas faziam saltar os peixes fora da água e os pescadores não conseguiam segurar as redes nos seus barcos. Era uma

dessas tempestades de monções que de repente assaltam os finais de Maio, deixando a terra trémula de calor e frio como se fosse apanhada de paludismo. Naraina gesticulava, voltava dum lado e doutro e soltava gritos, um desses gritos foi parar aos ouvidos da Durga que acabava de dar à luz duas gémeas.

Durga pediu à sua parteira que fosse avisar o marido. A parteira bateu à porta onde o Doutor dormia e esperou uns momentos, tornou a bater, não percebia a causa dos gemidos que vinham do seu quarto, só quando abriu a porta é que percebeu que o Doutor estava a ter pesadelos. Correu rapidamente à cozinha, trouxe água com pétalas de rosas e molhando as pontas dos seus dedos no recipiente, que veio depositar aos pés do Doutor, molhou-lhe de leve a testa uma vez e outra vez e outra vez, até que viu o doutor voltar a si, abrir os olhos e murmurar pausadamente – é menino, e menino! – A parteira recuou um pouco e lentamente puxando da ponta do seu sari mais para a frente da cabeça, bamboleou-a de lado a lado num gesto leve de compaixão e ternura e balbuciou quase em surdina: – são duas meninas lindas, doutor. Naraina pôs-se de cócoras rapidamente, juntou as mãos, olhou o tecto e com o sorriso resignado exclamou – obrigado, eu vou já ter com a minha mulher. Só, por uns momentos, cruzou as pernas, assentou-se em posição de lótus e quis decifrar a mensagem que Deus lhe enviava todos os anos com o nascimento de filhas.

Será que Deus quer provar a minha paciência, a minha ambição? O meu amor ao dinheiro? – Para cada filha tinha que acumular um dote em milhares de rupias para casá-la com um bom partido. Era esse o costume. Em breves minutos pôs de lado esses pensamentos e concentrou-se em dotes naturais que as meninas traziam, viu-as favorecidas pela beleza e saúde e imaginou-as todas formadas, com diversos cursos e também viu-as senhoras dos seus narizes.

De repente lembrou-se que o berço estava numa caixa de papelão junto a sua bagagem que ainda estava por abrir; não queria que alguém visse o berço que estava destinado ao seu filho varão.

Pegou na caixa e foi pô-la no consultório, antes de ir ver Durga, não queria que ela notasse tristeza no seu rosto, nem soubesse das peças do berço. Em seguida, voltou do consultório com uma caixinha de “surmão”

óleo preto com que são pintados os olhos de bebés não para os embelezá-los mas para alimentar a vista e deu-a à parteira e foi ter com Durga, que o esperava ansiosa. Como médico era-lhe fácil chegar-se ao pé da sua mulher e passar-lhe a mão pelo ventre e pelo corpo no gesto voluptuoso de carícia e sensualismo mesmo em frente da parteira e da sua sogra. Não tinha que respeitar rigorosamente as regras da sua tradição hindu, as carícias não tinham de ser escondidas no lusco-fusco de quarto de dormir à luz de lamparinas de óleo de coco, como médico tinha esse privilégio. Sentou-se ao lado da Durga na esteira entre almofadas e continuou acariciando-a com redobrada ternura.

Durga notou que ele escondia a tristeza por ter sido mais uma vez pai de meninas. Duas lágrimas caíram dos seus olhos e foram parar no rosto de uma das meninas que a parteira acabava de pôr ao lado da mãe com olhinhos pintados, o sinal vermelho no meio da testa e uma figa ao pescoço pendurada no fio prateado. A menina assustou-se, abriu os olhos e deu um gritinho. Naraina, nesse mesmo instante sentiu-se outro homem comoveu-se e apertou a mãozinha do bebé com toda a ternura, levantou-a e pôs um beijo na menina. Durga não se conteve com tamanha emoção, levantou-se para sentar-se ao lado do seu marido mas este abraçando-a pediu que voltasse a estender-se e estar tranquila por muitos dias. Durga olhou-o com censura e pensou que podia ele ser mais médico e menos homem de seguir tradições como são os maridos de recém-paridas. Mas, Naraina era um médico respeitador de tradições, embora soubesse métodos ocidentais a aplicar ao físico de parturientes. Não era só o físico que ele tomava em conta, era também a força de tradição do costume hindu que regula a mente. Embora tivesse crescido em Goa e tivesse estudado na escola médica de tradição portuguesa, ocidental, não descurava a ancestral ciência dos vedas que aprendera na sua religião.

A Durga ficaria durante quarenta dias sem afazeres de casa tratando apenas das recém-nascidas e contando de vez em quando histórias às filhas mais velhas.

Naraina retomou o curso da sua vida profissional passados dois dias. Não lhe interessava muito saber o ritmo da política da vizinha Índia. Embora respeitasse e soubesse que Mahatma Gandhi estava a criar um grande

movimento pró-independência baseado numa filosofia pacifista de não violência.

Ele sabia como médico que as operações feitas sem bisturi, apenas convenciam os místicos, e místicos no país de milhares de sub-alimentados eram poucos. Secretamente receava pela vida do Gandhi mas não compartilhava desse receio com ninguém.

As suas filhas, essas sim, eram mais entusiásticas e envolvidas em política. Algumas já tinham feito o bacharelato em Universidades da Índia Inglesa e sentiam-se orgulhosas a discutirem política. Xanti, a mais velha, sempre que regressava em férias trazia consigo fermento para criar também em Goa um movimento político e conseguia transmitir às suas irmãs e amigas ideias sobre a emancipação tanto da mulher como de Estados.

Reunia-se com suas amigas duas ou três vezes por semana a tomar o chá em sua casa e discutiam política, história, economia. E o que mais as irritava era a estúpida tradição de dote em rupias. Estavam decididas a conseguir o companheiro com os seus próprios dotes e libertarem-se também do jugo estrangeiro. Como hindus sentiam-se mais indianas que luso-indianas. O Dr. Naraina não se informava sobre estas reuniões, achava normal que as filhas recebessem amigas, era próprio da sua idade.

Confiava nas suas filhas, algumas até mostravam coragem intelectual quando falavam de política. No fundo ele sentia que Deus o compensara a sua maneira, negando-lhe o filho varão; via que uma das suas filhas seria a sua substituta e já dava indícios de vir a ser excelente médica.

O Sr. Dr. é pai de sete meninas? Era a pergunta que ouvia frequentemente e sabia que esta vinha sempre carregada com tons de ironia, comiseração e troça, pois, para casá-las tinha de ter dote em rupias, terra e algum ouro para cada uma delas. E os que faziam estas perguntas eram geralmente pais de moços casadoiros.

O Doutor sabia que eles o queriam desafiar, mas Naraina não se alterava, com a sua calma natural fazia-lhes outras perguntas sobre a sua saúde, meteorologia, astrologia etc.

Essa coisa de dote não era só costume hindu, também os pais de noivos cristãos faziam esses acordos pré-nupciais. E até um militar de carreira

tinha informado o Dr. Naraina que também eles oficiais tinham de juntar documentos comprovativos de que a senhora com quem iriam contrair matrimónio era possuidora de uma certa quantia estipulada pela lei, e pedir autorização às autoridades competentes.

E isso passava-se no exército português.

Xanti achava esses costumes ofensivos à dignidade feminina, quer eles fossem praticados em África, Ásia ou Europa. A MULHER não é objecto para ir empacotado seja em papel-moeda, sedas ou peles. Estava decidida a fazer carreira de jurista e alterar esses costumes através de leis. Havia amigas suas que a denominavam de utópica.

A Xanti além de ser inteligente era uma mulher formosa, andava sempre de sari branco. Os cabelos pretos apanhados em duas tranças a descerem pelos ombros, eram enfeitados com flores. Toda ela irradiava frescura e força. Com as suas irmãs formavam um grupo que se distinguia em qualquer reunião. Gostavam muito de praticar o ciclismo embora houvesse quem as criticasse. O doutor achava um desporto sadio e fazia ouvidos de mouco às más línguas.

O movimento de "satyagraha" na vizinha Índia estava ganhando muita força apesar de contra força de ingleses.

Em Goa havia pequenos núcleos clandestinos que alimentavam a ideia de integração de Goa na Índia. A ideologia política na mente dos goeses era como sementes de coentros que transpiravam aromas, apenas na época balnear com a vinda de estudantes em férias e outros familiares de goeses. Como tudo ficava quente, as ideias de integração ou de independência também transmitiam calor.

Como não era um movimento organizado, tudo ia pela água abaixo com as monções. E pela água acima regressavam os veraneantes para os seus afazeres na vizinha Índia.

Foram passando anos e as meninas do doutor foram crescendo. A Xanti, a mais velha já havia feito o mestrado em leis, a segunda tinha terminado o bacharelato em matemática, a terceira a terminar química. Das gémeas, uma estava a acabar a medicina e a outra era já enfermeira e a penúltima estava a terminar a Economia e a mais nova estava dedicada à música.

A Durga e o Naraina sentiam-se felizes, e em férias quando todas as filhas regressavam, a casa enchia-se de alegria. As suas gargalhadas até faziam cair as mangas que a mangueira no jardim exhibia com orgulho.

Foi numa destas férias de verão que a Xanti voltou constrangida com a morte do Gandhi e pôs-se a analisar com a sua irmã, a formar-se em química, o percurso do movimento de “satyagraha”!

Gandhi não queria violência, as greves dos trabalhadores em minas, em fábricas e a comercialização do sal em pacotes de papel não violentava ninguém, mas as sabotagens em caminhos-de-ferro e a morte provocada aqui e acolá, a Xanti não podia compreender.

Será? Perguntava ela à irmã, que estava em química, que os hindus, os muçulmanos, os cristãos, os parsis, os judeus quererão também ser independentes uns dos outros? E então o que significaria uma democracia na Índia?

A irmã explicava-lhe que elementos opostos não formavam ligas e que alguns metais atraem-se, outros repelem-se e que certos tipos de ácidos não produzem combustões, mas sim explosões.

Xanti compreendia isso, mas os homens não são objectos de laboratórios químicos, insistia ela.

Morto o Gandhi a tiro, fez pensar a Xanti durante dias no “satyagraha” e uma ideia nasceu na sua mente.

De um “satyagraha” diferente, um “satyagraha” feito apenas por mulheres vestidas de branco com colares de flores.

Decidiu ser a condutora dessa marcha pacífica, queria também que as meninas cristãs a acompanhassem, algumas até tinham sido suas colegas e talvez as poderia convencer a vestirem os saris brancos. Esta ideia ganhou forma na sua cabeça e por intuição quis ir assistir a procissão do Senhor de Passos que ia ser no dia seguinte.

Eram três da tarde, já havia muita gente a subir a elevação, no cimo da qual se via a capela de N. Senhora da Piedade, esta capela fora erigida há tempos e todos os anos durante a quaresma era visitada não só por católicos mas também por hindus e muçulmanos.

Havia um chamar místico desse monte que ecoava pela comunidade de Margão.

A procissão saía da igreja matriz, os sinos dobravam e um som melancólico fazia voltar o crente à vida de Jesus. As confrarias com as suas vestes roxas em linhas paralelas ao som de instrumentos de banda, marcando o passo iam na procissão, juntamente com o povo civil e militar dirigido pelo prelado.

Em determinados sítios assinalados, para as estações de Cristo carregando a Cruz, ficava tudo quieto em recolhimento e oração. Notava-se nos rostos dos penitentes um apelo ao meditar na vida e na morte de Cristo. E para analisar esses passos que a Xanti, com as suas irmãs ficou ao meio da encosta. Fazia um calor abafado, o sol brilhava e incidia na procissão, muitos rostos suavam e as gotas desciam pelos corpos, alguns abanavam os lenços e leques outros só contavam as pérolas pedras semi-preciosas e contas dos terços, concentrados em padre-nossos e ave-marias. Xanti viu que os corpos em movimento sem gritos nem gestos tornavam a procissão em um todo, em um corpo, um pensamento único juntava-os nessa marcha para consolidar a ideia de amor, paz e justiça. Tudo o que acontecesse depois dessa cerimónia tornada actual era o problema de consciência de cada um.

Se ela pudesse convencer as suas amigas que a sua marcha pró-independência teria eco nem que fosse por momentos, já todo o empenho seria válido.

E Xanti absorta neste pensamento viu chegar a procissão à capela da Senhora da Piedade e viu as pessoas atentas ao sermão do monte feito pelo vigário.

Xanti sabia vagamente que Cristo tinha sido morto pelos romanos, sabia que tinha lutado pelos mudos, pelos surdos, pelos cegos, pelos escravos, pelos subjugados e pelas mulheres, sabia também que sendo judeu havia sido amigo dos gentios. No fundo ele queria conduzir o seu povo para a liberdade e liberdade era amor e paz.

Deveria ela fazer o “satyagraha” pela anexação de Goa, pela sua auto-determinação? Esse dilema martelou na cabeça enquanto descia o monte com as suas irmãs. De repente levantou-se uma ventania e, as pontas dos saris que ficam soltas no ombro esquerdo esvoaçavam; vistas de longe as irmãs caminhando lado a lado pareciam pombas a bater asa nos seus pequenos voos de descida.

Xanti vinha tão absorta no seu pensamento que nem se quer reparou que era seguida pelos cães que ladravam sem parar, pareciam embruxados pelos saris brancos

Uma vez em casa a Xanti explicou ao pai que iria no dia seguinte conduzir uma marcha. O doutor Naraina estava absorto na doença de um dos seus pacientes que não tinha melhoras, o homem definhava-se a olhos vistos, perdia o cabelo e a vontade de falar. Nem sequer lhe perguntou que marcha era essa que ela iria conduzir; acreditava nas suas filhas e no seu bom senso.

Foi em Maio, numa tarde quente e parada que esse “satyagraha” se realizou. A praça em frente do quartel de Polícia, estava deserta, não se ouvia pregões dos moços, ajudantes de condutores de autocarros, como de costume. As árvores pareciam petrificadas e os cães deitados no chão nem sequer mexiam as orelhas. Sobre a praça pairava um feitiço, como diriam os meninos se estivessem sentados nos bancos do jardim principal da cidade, onde não se via também viva alma.

Seria calor que abafou o movimento, ou seria o desejo profundo de Xanti de marcar algo inédito?

Os anseios femininos de emancipação recalçados por muitos anos, despertam-se em certas ocasiões e então até a própria natureza conspira para a sua realização.

Xanti, acompanhada pelas irmãs e várias amigas, todas vestidas de branco, começou a sua marcha nos degraus da capela de N. S. da Graça, capela essa que domina o jardim circular em frente do edifício da Câmara Municipal.

Nem o padre-capelão se apercebeu dessa marcha. A graça da Senhora acompanhava-as, traziam flores nas mãos e nos cartazes verdes viam-se letreiros:

– A emancipação de Goa É Força do seu Povo – Alguns cartazes eram só panos verdes manejados como papagaios com gaitas.

O espectáculo era verde e branco, a paz e a esperança confundia-se no ar. A marcha conduzida pela Xanti foi-se aproximando do Quartel de Polícia, desse edifício alongado que podia ser flexível mas não era. Saíram os polícias de dentro, como gatos assanhados corriam dum lado e doutro, o guarda da

entrada tocou a corneta e num fechar de olhos reuniu-se aí a massa de fardas encabeçadas por um Vasco sem Gama e esse não entendendo nada da sabedoria do rei D. Duarte na “arte de bem cavalgar” e outras artes, ordenou que trouxessem mangueiras com água e mandou chuva em cima dos saris brancos que colados aos corpos das meninas fizeram-nas dispersar. O chefe jogou com o pudor das jovens dando gargalhadas que soavam pela praça, e mandou prender a Xanti. Esta de cabeça erguida entrou no portão do Quartel, as irmãs acompanharam-na, queriam ver a capacidade de inquirição do chefe. A inquirição que não se deu. O comissário delegou tudo no chefe que era afamado pelo seu poder de macho, era perito em abrir braguilhas e correr com essa arma, que não faz fogo mas provoca sarilho, atrás das raparigas de serviço doméstico. A sua gargalhada era o seu discurso, assim não pediu explicações a Xanti nem ordenou a sua detenção para os inquéritos, mas simplesmente chocou-a exibindo o seu sexo erecto. Xanti recuou uns passos, olhou de frente o Chefe de Polícia e atirou com toda a dignidade a seguinte frase:

O senhor ficará na história como herói de braguilha aberta!
E esse foi o único “Satyagraha” feminino, inédito em Goa.

O EXORCISMO DE ADULA

Fala Adula, não fiques aí a grunhir como um porco, fala, pois, quero ouvir, a tua voz de jovem, sem gestos dispersos da tua cabeça.

Fala Adula, por favor!

Todas as noites antes de me deitar eu repetia o pedido, e via aquele corpo de um metro de altura, olhos negros, tez trigueira, a cabeça pastosa e piolhenta, feita uma juba cor de barro.

Oh! Meu Deus que moça é aquela?

Já sei que vem de Consua, minha aldeia vizinha, sei que leva todas as quartas-feiras uma trouxa de roupa suja, sei que passa o trilho do poço que fica perto da casa do Eugénio.

Sei que ela vai à ribeira que vem descendo da sua terrinha e atravessando a “Lagoa de Sonhos” para onde todos os anos os patos bravos regressam em Maio para picar os caracóis de nenúfares que dão cor, vida e desenho àquela lagoa. Lagoa azul ou verde, lagoa de água transparente, sei que dela também me lembro, foi ela que me ensinou a lenda da menina intocável que morrendo de amores por um jovem brâmane se transformou em nenúfar vermelho. E entre os outros brancos e vermelhos quem o distinguirá? Será este que cai no meu peito a rematar o colar que eu fiz com o seu pé viscoso e verdejante partindo aqui e acolá, como são feitos os colares de nenúfares? Não me arrependo se o colhi e fiz este colar, pois, quero também ouvir a sua voz, voz oscilante. Voz trémula e cristalina da jovem que se matou de amores pelo Rabindra brâmane, filho de abastada gente.

O Rabindra vem ouvi-la todas as tardes ao pôr-do-sol e durante o dia anda vagueando e comendo frutos silvestres pelos campos; maldiz a casta e o seu poder que o proibiu de realizar o seu sonho de amor. Rabindra

não se matou, está morrendo lentamente na bruma de incompreensão de castas.

Eu gostaria de vê-los juntos e ouvir as suas vozes transformadas, mas a mim nem a ninguém é concedido este privilégio.

À transformação e encontro de sonhos não assiste o simples mortal, são milagres invisíveis que a “Lagoa de Sonhos” guarda no seu fundo entre peixes de várias cores que em cardumes geométricos rodopiam e dançam danças indescritíveis.

E a Adula?

Amanhã sim, amanhã é quarta-feira.

Adula virá lavar os seus trapos na ribeira em que eu uma vez também meti os meus pés e refresquei-os e a água subindo até aos meus joelhos ou eu baixando nela lentamente até aos joelhos, fiz fugir da minha vista o peixinho rabudo de olho muito aberto, brilhante como uma semente de papaia e as barbatanas, quais asas de borboleta, que eu perdera naquela tarde. Ela era linda, duas linhas azuis atravessavam o seu corpo todo preto às manchas amarelas, ela voava e voava batendo as asas e eu corria e corria tentando apanhá-la na efêmera certeza de criança de possuí-la para sempre. E quanto eu chorei porque não pude apanhá-la e agora este peixinho cabeçudo a fugir-me mesmo em frente dos meus pés.

E a Adula não veio.

Fui brincar na árvore de gralha, assim conhecida na minha infância, esta era enorme. Os seus ramos pareciam cordas penduradas pelas bruxas e nós fazíamos baloiços com elas, jogávamos às escondidas esquecendo cobras e lagartos que também espreitavam aí perto. Um dia vi duas capêlos enroscados uma na outra a abrirem os seus leques de cabeça com letras estranhas.

A aiá (criada mais velha) tinha-nos avisado que nunca nos aproximássemos delas, pois, era certo e sabido que elas nos seguiriam.

Pavor de morte encheu o meu corpo nesse dia. E só muito mais tarde compreendi que a cena de cobras não significava luta para a sobrevivência, nem luta de perseguição, mas sim uma cena de amor para a propagação da sua espécie.

Que histórias, contos, lendas nos contavam, de diabos que se apossavam de corpos humanos e faziam-nos galgar nos telhados sem que partisse uma única telha, das cobras que vinham beber leite às mães acabadas de dar à luz, tigres a dormirem em cima das árvores e voarem às 12 badaladas de noite.

Antes de me deitar, todas as noites, aparecia a Adula à minha frente.

Que prece! Que obsessão!

Tinha de lhe tirar eu o diabo do corpo?

Que missão a minha.

Ela realmente não podia continuar assim sem falar. Saber comer, andar, lavar a roupa e não falar? Não, não podia ser. O diabo tinha que sair do seu corpo.

E com essa ideia fui-me deitar e adormeci.

A manhã dessa quarta-feira acabava de atirar os primeiros raios de sol na minha mangueira colaço; as mangueiras tinham esses apelidos bizarros, eram Colaços, Fernandinas, Xavier, Jesuítas, Mal Curadas, Afonsos, Monserates, talvez fossem também a marca dos descobrimentos nas árvores.

Da janela do meu salão fui vê-la, a mangueira, as mangas algumas maduras aguçavam o meu apetite matinal.

Chamei pelo José que andava na cozinha e disse-lhe que me apetecia uma manga para o meu pequeno almoço. Apontei-lhe a que tinha escolhida. devia ter uns vinte centímetros de comprimento, era alongada, amarelo-alaranjada, ela baloiçava ao som da aragem matinal. O José muito serviçal trepou a árvore, apanhou-a e foi pô-la em cima da mesa da sala de jantar, que delícia de manga, fui tomar regalada o meu pequeno almoço e voltei novamente à janela observar a minha mangueira de ramos pendentes a exhibir os seus frutos. Vi um esquilo espertalhão que acabava de imitar o José, trepando rápido, lá estava ele junto das minhas colaços, atrevido ia roê-las, quando eu bati as palmas e afugentei-o. O raio do esquilo não devia ter energia no corpo, mas sim diabo, e quem sabe até podia ser ele mesmo o diabo. Com esta de diabo metido na cabeça fui falar com o Eugénio, filho de um dos nossos caseiros (manducares) e pedi-lhe que me viesse ajudar a tirar o diabo do corpo da Adula.

Mas porquê, a “baiazinha” (menina) pensa que a Adula tem o diabo no corpo?

Não ouviste, Eugénio, dizer que o diabo é surdo e mudo?

“Baizinha”, estas são conversas de adultos.

Então diz-me tu, porque é que Adula não fala e porta-se como se tivesse diabo?

“Baizinha”, eu não sei explicar muitas coisas e gostava de saber, pode ser que um dia eu venha a saber.

Pois, bem, logo à tarde vamos tirar o diabo do corpo de Adula, percebeste Eugénio? E tu vais ajudar-me.

Eu sabia que o Eugénio me ajudaria.

A seguir ao almoço fomos arranjar umas varinhas verdes de uma pereira brava e fomos junto ao poço perto da casa do Eugénio. Os coqueiros, calmos e serenos seriam testemunhas do exorcismo de Adula.

Ela tinha sempre de passar por esse poço para ir à ribeira, era o seu caminho habitual.

A corda para tirar a água lá estava atirada, o poço estava meio cheio, ouvia-se o coachar das rãs, de vez em quando atirávamos pedras para água e ouvia-se ecos que pareciam lamentos.

Fomo-nos esconder nos arbustos, seriam três horas da tarde, ouvimos com a respiração suspensa, os passos da Adula, passos arrastados e lentos quais passos de animal ferido, deixamos aproximá-la mais uns metros do poço e chegar quase à beirinha e... zás saímos do esconderijo e agarrámo-la; caiu-lhe a trouxa da cabeça, puxámo-la e por fim com a corda do poço atámo-la a um dos coqueiros. Os seus gestos incertos, aflitos e uivos dispersos não faziam sentido, era necessário dar-lhe com os junquinhos no corpo até o diabo sair e a língua soltar palavras presas. Chegámos-lhe com as varinhas ao corpo várias vezes, repetindo em uníssono: Diabo sai, seu maldito, deixa o corpo de Adula. O Diabo não saía, as lágrimas de Adula corriam pela face abaixo e a cabeça agitava-se de um lado a outro em frenesim. Deixámos afrouxar um pouco a corda, olhamos perplexos e hesitantes para ela, as dúvidas e incertezas atravessaram o nosso espírito. A Adula era muda de verdade!

Ao longe ouvi a voz da minha mãe. Adula soltou-se e pôs-se a fugir. Cheguei a casa e uma cena confusa entre a voz da minha mãe a inquirir-me, os soluços da Adula a correr pelo campo fora, cravou-se-me esta dor no coração de não ter podido fazer sair o diabo daquele corpo franzino de meia criança, meia mulher.

O EXORCISMO DE UM TAXISTA

Não podia, não devia, não queria? Não sabia.

Ouve-se pelo mundo fora música e cânticos de Natal, há momentos de renovação, de libertação na Natureza e nos corações humanos. Luzes cintilam nos pinheiros dos adros, dos balcões, das varandas, nas janelas há colagens variadas e lâmpadas de mil cores, ora acendem-se, ora apagam-se. As casas estão caiadas, brancas algumas e doutras cores outras.

As meninas e os meninos continuam a acreditar em Pais Natais que já deambulam nos aglomerados das cidades e até nas pequenas vilas, a entrada de pacotes de consumo já se sente também na tranquilidade das terrinhas afastadas; é o avanço de progresso.

Estamos a entrar na década de noventa. Quase três décadas passadas, sinto que a minha memória é fustigada por esses verbos de modo imperfeitos – não podia, não devia, não queria? Não sabia.

Não estou pedir a alguém que mos conjuguem, estou a conjugar factos passados e expô-los no presente – Obrigação moral, intelectual, cívica? Para com a terra onde nasci? Para com os outros que pensam no pacifismo, para comigo mesmo?

Este cogitar meu irá cair no vazio? Quem sabe? O destino da ficção ou da realidade, ou da ficção-realidade, é simplesmente destino.

Eugénio era o rapazito que me tinha ajudado no exorcismo de Adula. Ele aprendera português na escola primária oficial de uma aldeia Nagoá, aldeia também do meu berço. Este nome talvez esteja relacionado com água dos ribeirinhos, água das lagoas, dos charcos, em fim com água que ora se turva e ora é turvada. A água não precisa de ser cantada, ela canta onde quer que esteja. E é na água que nasce este nome de Nagoá.

O seu professor chamava-se Casimiro. Casimiro tinha um tique, um hábito, uma mania ou qualquer coisa semelhante – tirava o seu lenço do bolso, olhava para ele e lá ia a ostra ranhosa e nojenta para a imaculada brancura do lenço. Era um costume europeu e civilizado que o professor Casimiro aprendera nos contos de escritores realistas quando andara na Escola Normal de Magistério Primário. De tanto escarrar não pôde suportar a vida e passados anos suicidou-se numa trave principal da porta da escola.

Foi um Domingo a tarde.

Eugénio crescera, tirara a carta de condução e fazia a sua vida como taxista de praça. As suas duas irmãs, Antonieta e Carlota, moças saudáveis e trabalhadoras tinham deixado Goa apenas com treze anos de idade e procurado serviço doméstico em Bombaim.

Uma vez ao ano, quando podiam, voltavam a passar uns dias no lar paterno. O seu pai também havia sido condutor de táxis e morrera de cirrose, a sua mãe como todas as domésticas, lá estava, resignada, em casa. Eugénio não a abandonava.

A vida de Eugénio decorria em viagens longas e curtas, mas nunca monótonas.

Transportava variedade de pessoas, umas falavam-lhe em concanim (língua de Goa) e outras em português. Os seus clientes favoritos eram a tropa.

Eugénio sempre sorridente procurava ser mais um guia turístico do que um simples taxista rotineiro e chato. Interessava-lhe por amor ao conhecimento e didáctica: – iniciar, prolongar ou rematar as conversas com os seus clientes.

Em concanim sentia-se um pouco mais à vontade que em português, não por questões linguísticas mas por psicológicas. Marata, hindí, urdu ou hindustaní eram-lhe alheias, também não necessitava delas, uma vez que as fronteiras com a União Indiana estavam fechadas.

Os turistas estrangeiros que circulavam pela Goa ou falavam inglês ou viajavam em carros particulares. Eugénio também sabia um pouco de inglês, o suficiente para seguir o itinerário que os seus clientes quisessem. Tinha pena de não o ter aprendido na escola.

Como o seu táxi não tinha taxímetro e julgo que não era obrigatório tê-lo, Eugénio discriminava os seus clientes por rupias, moeda corrente na Índia Portuguesa.

Aqueles clientes forretas que traziam dinheiro escondido nos lenços e estes na cintura, ele carregava-lhes no frete com mais uma rupia, que de costume cobrava pela viagem e não lhes dava tempo de se irritarem e chamá-lo à atenção, pois, arrancava o carro, buzina e desaparecia e aos clientes hipócritas e gananciosos que Eugénio os conhecia bem, após ter cobrado bem o percurso, oferecia-lhes lenços dando nós nos quatro cantos e expressava-lhes desejos que os panos se enchessem de moedas em pouco tempo. Achava muita piada aos seus semblantes que se transformavam e se iam assemelhando às moedas brilhantes de ouro falso.

Gostava muito destas partidas e gostava muito dos clientes “paclés” assim conhecidos, todos os “metropolitanos” que vinham para Goa. A maior parte destes eram militares de três ramos de forças armadas. Os da terra eram os seus preferidos, porque como ele, gostavam da terra, terra húmida ou seca, terra argilosa ou arenosa e alguns até lançavam as suas sementes nela, como aqueles soldados do tempo de Afonso de Albuquerque por quem Eugénio tinha urna secreta e invulgar admiração.

Já que o meu retrato está feito disse o Eugénio, deixem-me narrar os meus segredos, não são segredos do Estado da Índia Portuguesa, é o estado de segredos.

Esta viagem decorre em finais de Agosto de 1960, não posso precisar o dia, mas sei que é na festa de Ganesh.

Entra no meu táxi um jovem oficial, louro, um pouco careca, bem parecido, mas está triste. Eu noto o seu estado e como não gosto de ver pessoas tristes, proponho levá-lo a um sítio que nós os homens conhecemos bem. Há aqui templos para a paz espiritual com flores de lótus nos lagos de seus jardins e há raparigas, as bailadeiras com flores na cabeça para a paz do corpo. São sítios em que o erotismo e misticismo não criam barreiras, são templos milenários que a civilização hindu soube conservar e há vários espalhados pela Goa.

Eu pobre mortal não sei filosofar sobre eles mas, garanti ao meu oficial que ele iria encontrar lá raparigas virgens. Ele absorto em outra imagem

recusou o meu convite e pediu-me que desse voltas pela cidade; cidade esta que eu deixo no anonimato como se guarda em anonimato a mulher amada, amo as suas linhas, as suas saliências, devia mesmo dizer que é um amor carnal se não fosse a cor verde das suas árvores. A cor tem muita influência no meu ser, na minha vista, foi verde que me atirou para a frente para ser taxista. O meu táxi é verde, se fosse preto teria verde debaixo, por cima, de lado; há sempre o verde a apelar-me, a exercer uma sedução em mim.

E não gosto de macular a cor, de tirar-lhe a virtude, o segredo, a essência.

Há muito movimento nas ruas, ruelas, becos, entradas e saídas desta cidade.

Goa está em festa, Goa fica em festa quer se celebre um santo cristão, um profeta muçulmano ou uma divindade hindu. Não existe discriminação religiosa neste Estado e falar doutras discriminações é interdito aos taxistas. Estes tem que fingir que ela não existe, de resto em arte de fingir, o taxista sobressai doutras profissões, exceptuando, claro está, os artistas de palco e não só.

Diziam que o S. Francisco foi um santo anti-discriminatório, embora fosse da ordem de Jesuítas, talvez por isso nunca se notou a discriminação na religião. Também em comes e bebes não se nota essa diferença é como a chuva que molha, lava e mata a sede tanto ao rico como ao pobre, ao branco e ao preto.

Há musica e foguetes no ar e vozes no ritmo de conversa e no ritmo de cânticos e orações compõem a música de fundo.

As crianças choramingam, riem ou gritam andando de mãos dadas aos seus irmãos, de trás dos adultos. Se por acaso alguma criança fica parada a ver um papagaio que louquinho rodopia na gaiola então o menino é logo chamado à atenção e levado a reboque pelo adulto. Em todas as festas, feiras e mercados acontecem cenas semelhantes. O adulto está interessado num negócio, ou numa troca. Até em festas religiosas um encontro com um compadre, negociante ou parente afastado é aproveitado para combinar assuntos de valor material.

O mundo da criança é de encantamento, ela encanta-se tanto com o papagaio como com urna minhoca que se enrola na terra, tanto com o

rebuçado de algodão, como com um copinho de madeira pintado, como não sabe comparar os preços, tudo para ela tem valor, um pássaro que veio beber uma gotinha de água numa folha ou fica a debicar umas migalhas que um cão deixou num prato partido. O seu mundo é feito de pequenas insignificâncias. Os passarinhos chilreiam de vez em quando, enquanto voam os seus pequenos voos e as gralhas danadas grasnam para emberrar, emperrar a harmonia que reina no ar; são como certas gargantas que no esforço de dominarem a conversa soltam vozeirões de brutos.

As bandeiras de cores variadas entrelaçam-se no ar com as folhas de mangueiras. As folhas destas árvores são rijas e de verde escuro, são folhas que suportam enfiadelas e nunca a mangueira fica melindrada quando elas são exibidas como bandeiras. Os saris brancos, vermelhos, rosas, azuis, verdes, lisos e estampados das devotas compõem o quadro da festa. Também se vêem túnicas alaranjadas dos devotos officiosos de Ganesh. Há outros devotos que não são da confraria de Ganesh e exibem as suas vestes brancas.

O perfume a incenso, a mirra a “uzvatis” a zaiós e mogarins, flores brancas que irradiam perfumes, enche a cidade. É a celebração de Ganesh. Pela Goa fora celebra-se esta festa, para nós cristãos é uma oportunidade para confraternizarmos durante três dias com vizinhos e amigos hindus que nos oferecem suas iguarias típicas desta quadra festiva.

Para distrair o meu jovem oficial com quem dou voltas à cidade, eu começo a narrar a história dessa divindade hindu que eu sei a minha maneira popular. É natural que haja outra versão mais erudita.

Ganesh é Deus criador e removedor de obstáculos.

Porém, antes de entrar na narração eu lanço uma pergunta ao meu cliente:

– Mas que obstáculos atormentam o coração do Sr. Oficial?

Vá conta-me isso de Ganesh!

E eu começo.

Dizem que Siva, um dos deuses do universo hindu deixou a sua mulher, deusa Parvati, só, por muito tempo e se foi embrenhar em meditação muito longe da sua terra. Parvati não se conformou com a solidão e tinha ânsias de ter um filho que lhe desse amor e protecção. E como tinha poderes

divinos fez nascer da carne e do suor do seu próprio corpo um jovem. Insuflou-lhe vida e colocou-o à porta da sua câmara instruindo-o que não deixasse ninguém trespassar o umbral dos seus aposentos. O jovem, filho e guarda da sua mãe, não cabia em si de contente, orgulhoso e exaltado com esta missão, jurou a si próprio que ninguém o desafiaria, mesmo que para isso tivesse que dispor da sua própria cabeça.

Passados tempos, Siva regressou da sua longa ausência e quis entrar na câmara privada da sua esposa, porém, espantado viu um guarda que lhe embargava a entrada.

Siva não estava para meias medidas, nem quis ouvir o que o guarda queria dizer, as explicações de um insignificante guarda não tinha significado para ele, a sua esfera de conhecimento era outra e com seus altos conceitos reduziu a nada as pequenas explicações.

Siva irritado e com o ciúme a crescer pela cintura acima, arrancou da espada e entrando em contenda com o guarda que também sabia dar golpes, Siva saiu-se vencedor cortando a cabeça ao jovem.

Parvati assomou-se à entrada, transfigurada, com os olhos em brasa qual carvão incandescente lançou ao seu marido chispas de dor e fúria. Siva quis aproximar-se e ouvir as explicações, esquecendo-se que podia ter ouvido as razões do guarda. Parvati ordenando o congelamento dos seus passos, avisou-o que destruiria o Universo se o Siva não mandasse colocar uma cabeça no seu filho decapitado, criação exclusiva da sua competência.

Siva compreendendo o seu erro mandou os guardas imperiais trazerem a primeira cabeça que encontrassem. Os guardas após viajarem pelo norte, encontraram um elefante que é igualado na Índia ao general de guardas imperiais. Cortaram-lhe a cabeça e trouxeram-na para o Siva dispor dela. Siva iluminado e arrependido colocou-a nos ombros do filho de Parvati que logo deu sinais de vida, consequência dos seus poderes divinos.

Siva honrou-o e mandando chamar os outros deuses do Universo hindu e reunindo-os em Assembleia proclamou-o, Deus criador e removedor de obstáculos e adoptou-o como seu filho, dando-lhe o nome de Ganesh. E obrigou todos os seus devotos que o adorassem e avisou-os também que se não o fizessem seriam arruinados com obstáculos crescentes na sua vida.

O jovem oficial absorto em seus pensamentos pediu-me que o levasse ao seu quartel, pagando-me e agradecendo a narração, saiu do meu táxi. E eu fiquei a pensar nos passos desse oficial e oficial de passos e disse para os meus botões – talvez um dia este oficial venha a perceber que no amor só há obstáculos se não soubermos esperar pacientemente o dia e a pressa for a guarda inquieta dos aposentos secretos do nosso coração.

Nesta viagem eu aprendi que os estados de certos segredos são inacessíveis aos condutores de táxi.

O meu retrovisor não só servia para me dar maior visão na condução, eu servia-me dele para anotar na minha memória caras dos meus clientes e ler nos seus olhos se devia arriscar ou não uma palavra. Era como um espelho mágico, meio-espião, meio conselheiro.

Eu sabia a história da Branca de Neve e do espelho mágico e por isso mesmo por vezes tinha medo que ele se transformasse em carrasco e me destruísse, mas este medo desvanecia nas minhas viagens como as andorinhas que desaparecem no firmamento ao crepúsculo vespertino meio-alaranjado, meio-avermelhado, como são os crepúsculos das tardes de verão de Goa.

Um dos clientes que eu um dia transportei era do Algarve; eu tinha a vaga ideia desta terra, do tempo da minha escola primária quando aprendia geografia. O Algarve no mapa ficava mesmo no extremo da península, se pudesse ser empurrado cairia no oceano, pensava eu nessa altura.

O cliente algarvio falou-me sobre a “Lenda das Amendoeiras” em que um rei mouro apaixonado e casado com uma princesa do Norte da Europa fizera tudo para vê-la feliz no seu Algarve, mas que nada a conseguia fazer sair da sua tristeza, nem festas nem jóias, nem músicas, nem danças e que só havia conseguido vê-la contente mandando plantar as amendoeiras que floridas tinham-lhe feito lembrar da neve.

E eu arrisquei-lhe então a minha pergunta curiosa. Então o senhor também tem sangue mouro?

Claro, os árabes quando ocuparam a península em lutas para ocupação de terras, também se deixavam prender por mulheres cristãs.

Eu fiquei a pensar nos mitos e todo o conhecimento histórico e geográfico que eu acumulara na minha instrução primária, deu voltas na minha cabeça

e como uma bola enrolada na neve que vem descendo pela montanha abaixo, sacudiu-me a espinha e senti um frio imenso no meu dorso e todo o meu corpo encheu-se de calafrios. Um medo secreto fazia-me tremer pelo futuro de Goa.

Todos os dias eu aprendia algo nas minhas viagens:

De Margão a Cortalim, de Pangim a Morinugão, a Velha Goa, de Ribandar a Bardez, Mapuça, Pondá, Navelim, Colvá, Torçanzori, Quepém, Beaulim, Canácona, eu corria de Norte a Sul de Este a Oeste, eu aprendia que a pronúncia do português mesmo entre os metropolitanos variava: – alguns diziam baca outros vaca, mandar – amandar, fazer – afazeres, trusse – trouxe, ingreja – igreja, linguça – longaniça, terramoto – terremoto. Fiquei a pensar, é possível que isto tudo tivesse a sua razão de ser. Não eram os marinheiros diferentes de polícias? Os ultramarinos de metropolitanos? Os ilhéus dos da terra-mãe? Talvez tudo isso estivesse relacionado com os chouriços que eram conhecidos como chouriços de reino e os de não reino.

· Não há nada como um bom chouriço e um bom copo de vinho tinto, pensei, para afogar os problemas do português e de portugueses.

É, concordei eu com o marinheiro que acabava de sair do meu táxi com uma garrafa de vinho tinto debaixo de braço. Era o seu dia de folga.

· Tinha aprendido que não se devia contrariar os marinheiros bêbedos. Eu não podia, eu não devia, eu não queria. E quem era eu para perceber os fenómenos de língua portuguesa?

Foram passando meses e a minha vida decorria na quietude de um taxista-guia que sabe cheirar à distância um apaixonado, um marido enfeitado, um amante devasso, uma mulher infiel, uma noiva desprezada, uma viúva alegre e até um homossexual.

Também me fediam os contrabandistas, os vigaristas, os batoteiros e os usurários. Havia também aqueles bailarinos que dançavam tanto em Goa como na União Indiana, a música variava conforme o local mas os seus passos de dança eram sempre de contra-dança; eu como gostava de danças, sabia distinguir pelo seu andar se a sua inclinação era para o tango, ou valsa e raras vezes eu me enganava. Quando os de contra-dança entravam no meu táxi eu ficava mudo.

Uma vez um capitão-advogado conversando com a sua namorada no meu táxi, tinha feito referência à polícia-política. O seu tom era baixinho como quem tinha medo de pronunciar tal palavra. O meu ouvido ficava logo de alerta e quando ouvi sussurrar ao ouvido da sua namorada, a minha orelha em pé, parecia com a de coelho bravo.

A minha mãe brincava comigo quando eu era pequeno chamando-me coelho e oferecendo-me cenouras; e se eu faço esta comparação um tanto ou quanto fora de propósito é em homenagem à minha mãe. E julgo que em qualquer lugar pode-se homenagear as mães.

Eu não entendia dessa política-polícia ou polícia-política, nenhum dos compêndios da quarta classe fazia referência à política.

De caminhos-de-ferro de Portugal, Angola, Moçambique, Macau, Timor, S.Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Guiné, Açores e Madeira falavam os livros, como também das suas faunas e flora.

Também sabia de cor todos os rios do mundo português. E a lição de português que mais me tinha cativado era o texto sobre as “Almas de Outro Mundo” em que vara-paus, forquilhas, foices e cajados dos camponeses tinham feito mijar o gato da Dona Prudência que tinha tido a imprudência de ir namorar a gata do vizinho e tinha causado confusão e alvoroço no espírito dum camponês de uma terrinha cujo nome me saiu da memória. Lembro-me que a D. Prudência desse texto, era uma Senhora abastada de uma das Beiras que se tinha doutorado em Coimbra em Fisionomia e Patologia de Gatos e tinha defendido a tese sobre traços comuns de gatos e homens.

Junto dos quartéis realmente não parava um gato, eram todos corridos a tiro. Que coisa rara, pensava eu, será que os gatos derrubam dispensas, dispensários, quartéis, Estados? Governos? Nações? Os gatos na verdade, tinham aspectos comuns com o homem: – ter bigode, ser caçador, amantes de lareiras e de colos de senhoras, andar de botas, o gato das botas dos contos que enganam marqueses o “pas de chat” dos bailarinos e o gato espião que dorme só com um olho fechado.

Depois de reflectir nos traços e passos de gatos, compreendi que não se deve brincar com os gatos.

Uma estranha vaga de inquietação corria pela Goa em meados de 1961 e eu não pude mais observar os gatos. Era tal a inquietação e mal-estar que os meus clientes mal falavam comigo. Nos quartéis de polícia os comandantes e sub-comandantes andavam de um lado e doutro, ora em passos de marcha, ora em passinhos de dança, davam ordens de parar, escutar olhar, de ouvir conversas, discussões, orações fúnebres, brindes de aniversários, de batizados e de casamentos.

Todos os sub-alternos, chefes e sub-chefes estavam de alerta como me havia dito um polícia e este polícia também me tinha afirmado a pés juntos que essas ordens tinham vindo à revelia do Governador que sendo também engenheiro não só percebia o engenho e arte de bem mandar como também os engenhos, as artes e subtilezas das castas, dos costumes e da religião dos goeses; percebia que essa cultura era complexa, feita de sub-culturas, de camadas, como um bolo a que uma criança olha e vê não só o recheio dourado de fios de ovos, como também as camadas de diferentes massas: – como as de amêndoa, de chocolate, de canela.

São as cores do bolo que enfeitiçam as crianças e fazem-nas entrar no mundo de fantasias e de magia. E talvez essa sua arte de distinguir as maneiras do povo goês, que o tornava um Governador cheio de sabedoria e paciência, sabedoria visionária de homens raros que não são compreendidos por estratégias militares, ditadores fanáticos, nem reis absolutos.

Como dizia, essa estranha vaga de inquietação entrou nos quartéis de polícia e tomou proporções de psicose.

Se alguém dissesse vermelho era logo suspeito e intimado a responder a inquéritos feitos à laia de Casimiro que eram considerados vedetas de montes e de mesas com tinteiros “monteiro”. Esses inquiridores não eram da estirpe dos professores Casimiro que se suicidam nas traves de escolas, mas sim da laia de outros Casimiro com apelidos que mandam suicidar em comboios e depois lavam as mãos nos apeadeiros. Se outro alguém dissesse amarelo era chamado à investigação; assim aconteceu com uma Senhora que fizera alusões numa conversa com um grupo de pessoas ligadas ao comércio, ao amarelo de barras de ouro de contra-bando que um oficial de polícia, barrigudo, tanto estimava. Essa conversa foi parar aos ouvidos de

um sub-chefe que com instinto de Camelo, cobiçava a subida de posto e serviu-se dessa conversa de amarelo e foi encher os ouvidos do seu comandante. Esse comandante gostava de Goa para fazer comissões, em francês seria “pour fair de commissions”. Já tinha estado cá duas ou três vezes com o mesmo jeito. Assim, quando o dromedário lhe encheu os ouvidos de conversa sobre amarelo deu-lhe ordens de intimidar a tal senhora.

Não só a paranóia andava a desorientá-lo como também a psicose atacou-o subitamente e começou aos gritos: “Prendam-na que a mulher é perigosa”. E nem homens de uma só fé, de um só rosto, de antes quebrar que torcer souberam compreender essas idiotices, sesimbrices desse comandante.

Dizia-se que os seus antepassados eram de Sesimbra pescadores de cações e tubarões que engolem metal. E agora ser apelidado de tubarão que engole ouro, era afronta que nem a uma senhora se podia perdoar.

Mandou intimá-la para a investigação à revelia dos seus superiores, ignorando também as leis de direito privado. E essa investigação durou dois dias, teria durado mais tempo se o bom senso, de um médico, chamado ao pedido da Senhora para medir a sua tensão alterada por esse ultraje, não tivesse notado que quem estava a entrar no último grau da paranóia era o próprio comandante. Assim o médico com o jeito dos médicos formados pela Escola Médica de Goa, aplicou ao ânimo do comandante uma boa dose de whisky escocês e disse-lhe que não devia preocupar-se com as conversas amarelas, pois, nunca transmitiam febres amarelas aos governantes e eram puramente inofensivas. O médico não entendia de ouro nem sabia de contrabando.

No dia 3 de Dezembro do mesmo ano ocorreu outro incidente de somenos importância no contexto da história, da crónica, porém, era um incidente que poderia servir aos psicólogos para se aperceber dos subconscientes de gente que gosta “de fair de commissions”. Esse incidente aos olhos de um narrador comum e popular como eu significou como resultado de um outro ataque de miopia do mesmo Sr. Comandante. Desculpem-me, é evidente que a miopia e os pés chatos não fazem militares, isso tinha-me dito o menino mais velho dos senhores em cujas terras nós éramos “manducares” um tipo de caseiros. O menino alimentava sempre uma inclinação sentimen-

tal pela tropa e até num período de férias na vizinha Índia nos anos quarenta quando ainda a Força da Aviação Real Britânica "Royal Air Force" admitia anglo-indianos ou indo-portugueses na sua Academia. O menino tinha ido prestar provas, daí que ele sabia destes problemas de pés chatos, miopias e outros regulamentos para entrar nas Academias Militares. Assim posso desdizer e afirmar-vos que esse ataque não foi de miopia. Devia ser um ataque de qualquer coisa que eu não entendo.

Esse dia três era da festa de S. Francisco Xavier. Velha Goa era um mar de gente vinda de todos os pontos de Goa e não só. O Santo que fora missionário e senhor de milhares de conversões, não só era venerado pelos católicos como também pelos hindus, muçulmanos, parsís e ainda por outros crentes.

A vida e a morte deste apóstolo tinha feito histórias na Índia. A Sé, a Basílica, a Catedral, os conventos os mosteiros, as igrejas e as capelas por essa Goa fora, umas de pé e outras em ruínas obrigavam qualquer mortal a pensar na imortalidade. A filosofia, a teologia, a moral, a ética, a estética e o humanismo estavam assinalados em pedra, quem quisesse meditar, pensar, cogitar, duvidar, sofismar, instruir-se, educar-se, sonhar, perder-se, encontrar-se, estudar arqueologia, antropologia e história, em Velha Goa podia fazê-lo.

Nesse dia, três, a missa solene era cantada pelo Sr. Patriarca com os seus coadjutores.

A área do altar-mor da Basílica de Bom Jesus estava apinhada de boa gente e gente boa, Senhores e Cavalheiros, Damas da 1.^a e Damas da 2.^a, respectivamente dos comandantes e sub-comandantes e outros oficiais.

Julgo que as senhoras dos sargentos não se viam nessa área, era raro haver misturas. notava-se sempre as senhoras dos oficiais e as dos sargentos não apenas pelas avantajadas figuras dumas e doutras mas pelo modo de andar, pelo menos para mim. O andar era diferente das sargentas das dos oficiais. Falar de andar aqui, não interessa.

Era essa missa em louvor do Santo, todos os anos, o dia três de Dezembro era festejado com fervor, respeito e pompa e havia anos em que se abriam as fronteiras nessa data, para que os devotos que estivessem na União Indiana não se privassem de elevar as suas preces e recordassem o Santo

com veneração. Mas desta vez julgo que as fronteiras não tinham sido abertas porque corriam notícias de concentração de tropas de outro lado da fronteira, eram noticias alarmantes e era necessário tomar cautelas, pois, podiam os espões passar por fiéis e virem infiltrarem-se em Goa para recolha de informações sobre pontos estratégicos.

Atendendo a sabedoria do Governador talvez essa hipótese fosse válida, e com prudência que lhe era notória não tivesse autorizado em abrir as fronteiras.

Essa prece conjunta de civis e militares era para acalmia do clima beligerante que se notava no ar. Corria também muita aragem fria, alguns constipavam-se e outros tinham calafrios, essa poeira política ameaçando invasão andava no ar e esta poeira cheirando a pólvora vinha da pacífica União Indiana.

Havia mesmo notícias de que o exército de além fronteira andava em manobras, revistando e revisando forças de criaturas e viaturas, desses monstros como tanques, morteiros, anti-aéreos, trituradoras, metralhadoras, picadoras, granadas, minas e todos os outros materiais que eufemisticamente os militares denominam de força de defesa, paz e protecção.

Enquanto a missa ia ao meio, o dito comandante mandou a sua vista à volta do altar-mor e viu que havia muitos civis, tanto homens como mulheres, entre eles uma menina vestida de amarelo. A vista turvou-se-lhe com esta cor, o cérebro deu voltas na sua cabeça e ele disparou a ordem a um dos seus guardas para pô-la fora com outras senhoras civis, esquecendo-se que se há uma norma da lei canónica que proíbe as senhoras de ocuparem a área do altar-mor, esta lei é também extensiva às senhoras de militares.

O guarda do séquito do comandante por pouca sorte, ou levado pela sua intuição goesa, vai direito à menina vestida de amarelo que tem nariz arrebitado e sempre a língua afiada, digo isso porque conheço a menina. O guarda segreda-lhe a ordem ao ouvido, a menina sorri, ergue a cabeça e manda o guarda... com uma mensagem breve e cortante: – faça favor de dizer ao seu comandante que mande sair primeiro as damas que estão ao seu lado. O comandante com essa resposta fica confuso, olha para o seu umbigo, olha à volta e pede ao capelão-militar para tomar conta do assunto

tão importante nessa cerimónia religiosa. O capelão militar, primeiro militar, depois capelão, esquece o ritual, a prece, a fé, a esperança e a caridade e dirige-se à menina e obriga-a a sair.

A menina tem consciência de capacidade limitada de alguns seres que não sabem aceitar a crítica e confundem-na com insultos. E também tem consciência de uma cerimónia religiosa, ela é católica, passou a sua meninice numa casa solarenga onde havia uma capela e lá um tio-avô seu rezava missa e nas suas homílias sabia transmitir a noção de espaço religioso, espaço místico e doutros espaços. Cada coisa tem o seu lugar, dizia ele, não se pode patinar no ringue de boxe e não se pode esgrimir numa igreja, meus filhos. Eram essas pequenas homílias que me ficaram na memória e julgo que foi a lembrança desses Domingos da velha casa solarenga que segurou a voz da menina na presença do padre capelão-militar.

A menina de vestido amarelo dando braço a uma prima sua que também sabia ver com os seus olhos verdes a transformação nos rostos do comandante e do capelão, trocou olhares de compreensão com a sua prima e as duas saíram religiosamente do altar-mor apoiando-se mutuamente na sua secreta força de persuasão.

Atrás delas saíram as outras damas, incluindo as do património militar em serviço no Estado da Índia Portuguesa.

Essa notícia soube-a eu da boca de um militar e sabemos bem que os militares não mentem, pelo menos em relação aos factos passados nas igrejas.

É necessário ter cuidado com as meninas de nariz arrebitado, não são narizes vulgares, há aqueles que são virados para baixo como os bicos de águia e com estes também é preciso ter cuidado e se esses andam em jornalismo são capazes de destrinçar as entranhas de interlocutores.

Mas os narizes arrebitados como estão virados mais para o céu que para a terra, sabem distinguir nuvens de verão das de inverno, nuvens provocadas pela pólvora das nuvens provocadas pelo incenso, sabem cheirar estrelas do mar e não confundi-las com as do céu. Assim com a vista aguçada e o cheiro apurado podem causar transtornos até nos manicómios.

Se pensarmos nos narizes de damas, há muitos na História Universal; o de Cleópatra, de Salomé, de Dona Teresa, de Brites, de Maria de Fonte etc..

Assim a nossa menina só disse isto à saída: – Como podem os nabos cheirar as açucenas? E como podem os comandantes da polícia perceber que a crítica é o objectivo civil para elevar o nível militar?

Esta ocorrência deu muito que falar tanto nas messes de militares como nas messes dos civis, em restaurantes e em casas particulares.

Como o ambiente estava, todos os incidentes seriam para aliviar ou para aumentar as tensões e dizem que o dito comandante e o capelão militar, receberam reprimendas respectivamente do Governo Civil e do Governo Patriacal. E à menina pediram desculpas emissários dos dois Governos.

A veracidade desses factos só Deus o sabe; as ocorrências que passam nos templos só acreditam homens de fé e taxistas como eu que são transportadores de almas tanto crentes como descrentes.

Poderia ter ido informar-me directamente com a menina, mas não o fiz porque a menina estava ocupada com o seu jardim, interessava-lhe mais o perfume das flores e o desabrochar dos seus botões do que as especulações nas messes. O jardim dava-lhe muito que fazer.

Os treze dias seguintes à festa de S. Francisco não foram nada fáceis, eu por mim estive muito atarefado e perturbado. Transportava clientes tanto de dia como de noite, uns iam ao porto de Mormugão e outros ao aeroporto da Dabolim que foi palco de muitos transportes aéreos. Aviões de TAIP (Transportes Aéreos da Índia Portuguesa) com suas hospedeiras goesas vestidas de saris só nos embarques e desembarques, uma farda como que de ponta de cá e de lá, inventada por um habilidoso coronel levantou questões transcendentais nas mentes dos goeses. Poder-se-ia denominá-lo de pró-indiano, ou pró-autodeterminação de Goa?

Isso é um campo para especulação, este campo é como pista de aviões onde uns aterram, outros descolam e outros ainda ficam a circular.

Assim deixo o caro leitor fazer as suas divagações no passado político de Goa e de hospedeiras vestidas de saris.

É que sempre houve quem pensasse que Goa poderia vir a ser um estado autónomo, era um velho sonho de muitos goeses ligados à política, não era um pensar louco, pois, Goa tivera deputados na Assembleia de República portuguesa desde a elaboração da sua Constituição, portanto era consequente

que esse sonho de auto-determinação tivesse razão de ser em Goa. Se eu falo neste assunto um pouco transcendental para um taxista é que no meu íntimo eu sinto, que na encarnação passada eu deveria ter sido um gurú, um pedagogo, um tipo de sábio errante. E talvez seja esta a explicação de eu ser um taxista ávido de desvendar caminhos, de pesquisar, de observar sinais. E eis que sou empurrado sem resistência a sulcar estes mares em que seres humanos são mundos de conhecimentos, uns superficiais outros profundos.

Creio que corria a notícia de que o tal Coronel inclinava pela emancipação de Goa, e não pela emancipação da mulher, como bom machista português gostava de mulheres submissas tapadas com os saris mesmo nas viagens.

Muitas questões de natureza política, ficavam abafadas em Goa; as de contrabando, de droga, de subornos etc., ficavam meio abafadas.

Dizem que numa das últimas governações, talvez nos anos quarenta e tal perto de cinquenta, um advogado, melhor dizendo, um solicitador, porque estes eram conhecidos como advogados e até defendiam causas em tribunais, quis ir ter uma audiência com um Ministro de Ultramar que vinha visitar Goa e informá-lo sobre a situação “in loco”, após a independência da Índia Inglesa, pois, já havia movimentos de “satyagraha” em Goa e era necessário evitar que esses movimentos se propagassem.

Assim, o advogado-solicitador, quando quis ir expor as suas ideias ao Sr. Ministro, o Sr. Governador em acção quis fazer-se de censor e saber o que é que o Sr. Advogado-Solicitador queria transmitir ao Sr. Ministro. O advogado achou ilógica a solicitação do Governador que quis calá-lo a soco, porém, o advogado não era nada pequeno e sabia ser bruto, ripostou a agressão com outro soco. Julgo que o Sr. Ministro nunca veio a saber desse incidente e o movimento de pro-autonomia, foi-se enfraquecendo.

Quanto ao coronel da TAIP pode-se garantir que era apaixonado de caris e assim se explica a sua inclinação pelos saris. E como os voos de aviação comercial tinham de ter um “slogan” era natural que o Coronel tivesse criado este: “O sari da hospedeira à entrada e à saída delicia a partida e a chegada da TAIP”. Devia ser o truque comercial para promover as viagens e esconder as pernas das hospedeiras.

Também os aviões transportavam malas de correspondência que matavam saudades, espicaçavam lembranças e angustiavam os apaixonados. Porém, a brevidade do correio aéreo era sempre melhor que a demora dos correios marítimos.

Ouviam-se rumores que até havia trocas de malas de contrabando de ouro. Mas isso tudo faz parte das pistas de aviões. E Dabolim não podia ser diferente. Também eu ia pôr os meus clientes ao porto de Mormugão. Mormugão também teve uma história, entre outras e esta remonta aos tempos da 2.^a Grande Guerra. Este porto tinha prestado uma importante missão ao serviço secreto de Nazis.

Diziam que nas suas águas estavam ancorados três navios de guerra: – italiano, japonês e alemão. A capitania de porto teria conhecimento, obviamente, mas como estavam quietos e não levantavam suspeitas, muita gente até pensou que estavam sobre a vigilância, porém, tinham comunicações secretas com os comandos alemães e todos os navios dos aliados que navegassem no Índico eram torpedeados. Os ingleses que tinham os seus serviços de contra-espionagem na Índia Inglesa serviram-se de um estratagema denominado “Tea-Party” para os destruir e conseguiram o objectivo.

Como havia ingleses casados com portuguesas de Goa e estas tinham amigas em Goa, todas colaboraram, de todo o coração na ebulição do chá e na promoção da festa do “TEA-PARTY” ou “Boarding Party”.

Todas as instruções dadas a uma dama goesa pelos ingleses foram bem seguidas.

Esta dama tinha um palacete em Vasco da Gama, capital de Mormugão. A sua hospitalidade era conhecida e reconhecida na alta roda de Goa. Assim era-lhe fácil convidar os comandantes dos três navios e outras individualidades de Goa, tanto civis como militares.

Os ingleses promotores indirectos deste evento, dizem que pertenciam a um Clube de “Light Horse”, sediada em Calcutta na Índia. E daqui tinham programado a estratégia de afundar os ditos navios indo por mar com toda a perícia e precisão. Assim, a festa ia servir-se de cobertura para a destruição dos três navios ancorados em Mormugão.

Factos destes devem ter registos em livros de guerra dos arquivos militares ingleses, para quem quiser aprofundar em actos de diplomacia portuguesa durante a 2ª. guerra que até em Goa deixou sinais.

Bem, a dita dama Goesa, anfitriã do “Tea-Party” conseguiu receber os três comandantes. A festa era requintada, muita pompa e cerimónia, ao som de um quarteto de cordas dançava-se valsa e cantava-se “mandó” ao som da viola, esta, era uma variação de fado que também era ouvido com nostalgia de vez em quando em Goa.

Quando o “Tea-Party” ia no seu ponto alto, ouviu-se um tremendo fogo no mar. Alguns convidados até pensaram que tinha sido fogo de artifício queimado no rio Zuari. De repente, tudo ficou às escuras e soube-se, passados momentos que os navios espiões tinham sido destruídos.

Dos três comandantes não se soube mais, diz-se quando uma Senhora anglo-indiana disse ao Governador que eles eram espiões, ele ficou pálido e pediu um chá quente para matar a conversa.

No tempo da guerra fazem-se sempre acordos, tratados, até debaixo da neutralidade, dizia-me um senhor professor.

Mas o que eu via em Mormugão com muita apreensão, admiração e tristeza era o Navio de Guerra Afonso de Albuquerque. Eu passava em frente dele e ficava a examiná-lo e questionava-me: Será que vão afundá-lo? Tentava decifrar e descodificar as mensagens que eram espalhadas pelas rádios indianas.

O que é isto de país pacifista? Pensava eu. É pacifista quem não dialoga? Quem não ouve nem vê se o simples mortal como eu, tem cabeça para pensar na ajuda, pedir ajuda ou recusar ajuda para anexação da sua terra à outra terra? Será que a condição geográfica anula todas as outras ligações? Será o homem também como um bicho que precisa de marcar o seu território? Com quê? Com saliva?

Não terá o simples mortal o direito de traçar o seu próprio destino na terra onde nasceu? Que pacifismo é este?

Enquanto cogitava, olhando para o Afonso de Albuquerque numa saudade perdida na bruma do futuro, alguém puxou-me pelo braço e disse: Estás a sonhar rapaz?

Não é tempo para isso, eu tenho de ir imediatamente a Ribandar. Olhei para ele muito triste e duvidoso. Era um jovem alto de olhos verdes, tez morena, eu conhecia-o bem e sabia que o sangue dos portugueses da velha estirpe corria no seu corpo, era luso-descendente. Será que os meus receios estão a tornar-se reais? Será que vão afundar mesmo Afonso de Albuquerque?

Parti com este jovem e fomos parar em Ribandar onde entraram mais quatro jovens no meu táxi. Eu não me atrevi a quebrar, desta vez o silêncio, era a primeira vez que deixava de ser o taxista falador. Uma inquietação ia apossando-se de mim, senti qualquer coisa de estranho no meu corpo, não era um mal-estar que antecede uma doença, era qualquer coisa que segura a minha língua, meus sentidos, enquanto eu dirigia o carro em direcção a capital. Era já de madrugada do dia 13 de Dezembro quando chegamos ao destino.

Sempre me diziam que o dia 13 estava ligado aos maus presságios, quis varrer da minha cabeça esses ditos, olhei aos meus passageiros, jovens descendentes de Melos, Spinolas, Castros, Noronhas, Lobatos e até quem sabe de Albuquerque. Eles não sentiam cansados, nem mostravam sinais de sono. Eles sabiam que outros jovens por essa Goa fora também estavam de alerta e participavam em pensamento na força de resistência. O que é resistência? É o jogo de forças? Ou é uma afirmação de direito, direito que se fala seja em solilóquio, seja em diálogo, direito à cultura, ao peso da tradição, de costumes, de hábitos? Pode-se negar o peso de anos? de séculos no homem? Até nas pedras ficam vestígios.

Eu que não sei de que árvore genealógica descendo, sei que o arroz e caril que entra no meu estômago não é o mesmo arroz e caril que os meus vizinhos comem em Bombaim.

Esses passageiros que transporte são únicos, não juraram à bandeira, não envergam farda, não percebem de estratégias militares, nem recebem prés para defenderem terras portuguesas. O seu compromisso é consigo próprio é um compromisso passado de geração em geração e hei-los que se vão pôr em frente de um comandante para se disporem de si e do seu potencial histórico de defesa.

Fui chamado a assistir, por circunstâncias inexplicáveis, à cena que vai decorrer no palco de um quartel entre o comandante, oficial de carreira, de profissão e os nossos cinco rapazes luso-descendentes. Eles sentiam orgulho em confrontar o comandante sabiam que os seus antepassados tinham vindo de Portugal em missão gloriosa de dilatar o império e a fé. Após séculos de conquistas e reconquistas, de tratados e contra-tratados de conversões e desconversões, de inquisições, de reforma e contra-reformas, tinham ateadado fogo e tinham eliminado o fogo, como o fogo de pira em que se atiravam as viúvas hindus enquanto eram cremados os seus maridos. Este costume havia sido abolido em Goa pelo Afonso de Albuquerque. Uma das suas conquistas que mais o ergue aos meus olhos. Eu tenho uma admiração por este Vice-Rei da Índia, digo tenho porque o passado e o presente formam um todo em mim e sabe-se que ele também se sentia como parte de Goa. Havia mandado construir uma capela, conhecida como de N. Senhora de Serra em Pangim para ai ficarem os seus restos mortais. O seu amor pela Goa não devia ter sido apenas de dilatar a fé e o império, mas também de dilatar o seu coração e cérebro. São desses homens que procuram mudar o conceito de colonizadores e colonizados. Mas só aparecem muito raramente no tempo e só ficam na história para serem analisados e estudados por investigadores.

Mas Goa nunca foi colónia, foi um Estado, talvez isso aconteceu devido à política desse vice-rei ou quem sabe devido ao respeito pela cultura milenária ou devido ao fascínio de ariano que também existe na Europa. No entanto não há culturas superiores e inferiores, há só culturas. Este respeito pelo amor ao passado, pela civilização, pela gente levou também o último governador a pôr em primeiro plano os seus conhecimentos de engenheiro e meditar como militar.

Este governador nunca parou de percorrer Goa, queria sentir no seu corpo não só águas mornas de praias brancas e quentes, mas sim a terra nas suas mãos, sabia misturar o seu suor não apenas com o sal do mar, mas com a seiva da terra; construía pontes e escolas e cortava fitas tanto nas inaugurações de edifícios hindus, muçulmanos e cristãos. Goa tinha-lhe entrado pelo sangue dentro.

Estava eu a dizer que, circunstâncias inexplicáveis me lavaram a ser o único espectador da cena num quartel. (O Sr. Com. está no seu gabinete, é-lhe anunciada a chegada desses jovens, eu entro com eles)

Guarda: – (bate à porta) – Com.: Entre – (o guarda sai e o comandante pára de marcar passo, apesar-de pança, anda apressado).

Os jovens: – Bons dias Sr. Com.

Com: – Bons dias. Quem vos mandou entrar?

Jov. Melo – Nós pedimos para sermos recebidos (com arrogância).

Com.: – (Pára, olha para o seu ventre, apalpa o cinturão e dispara a pergunta). O que é que trazem?

Jov. Spínola – (Tom irónico) o Sr. não nos encomendou nada, nós viemos(é cortada a explicação).

Com.: – Não sejam insolentes.

O Jov. Noronha: – O sr. Comandante está com medo?

Com.: – Medo? Que atrevimento, seu fedelho indiano.

O Jov. Lobato: – O Sr. está na Índia Portuguesa e nós somos portugueses de Goa.

O Com.: – (retoma o passo de marcha, pára, dá um murro na mesa). Ouve-se tiros e o bater na porta e entra um oficial, é alto, inspira confiança, pergunta ao comandante.

Oficial: – Que barulho é este? São tiros?

Com.: – Sossegue, são foguetes (O oficial sai).

Com.: – Vá, acabem com a vossa conversa, que eu não tenho tempo.

O Jov. Melo: – Nós queremos entrar como voluntários e oferecer resistência e sabemos manejar armas.

Com.: – Voluntários? Dizem isto a um militar? Só se quiserem ajudar-nos em arrumar as malas.

O Jov. Castro – O Sr. mete as espingardas na mala?

Com.: – Quem comanda aqui sou eu (gritando) posso mandá-los prender.

O Jov. Spínola: – O Sr. Com. não é português? Não é militar? Não recebe pré?

O Com.: – Que descaramento. Vocês querem lutar? (torna-se histérico)

O Jov. Lobato: – Somos portugueses de Goa. A nossa missão é de afirmação, da nossa dignidade. Sabemos que as tropas indianas são superiores às que temos cá em Goa; mas isso não impede de sermos homens.

Com.: – Eu decidi ficar no quartel, as razões não vos interessam e Goa não faz parte de nós.

Jovens (em coro) – Discriminador, oportunista. Vamos falar com o Sr. Governador, ele terá razões que o Sr. não entenderá.

Com.: – Fora, fora (transtorna-se e gesticula).

Fim da Cena

Eu saí com os meus jovens, estava com eles e percebia o peso da consciência, do amor pela terra-mãe, terra-avó. Contudo não podia dizer nada, a partir de hoje eu ia ficando mudo. Eles pediram-me que os levasse ao palácio do Governo e lá fomos ter com o Sr. Governador que estava em meditação. Via-se pelo seu semblante, ele olhava as águas do Mandovi e nos seus olhos brilhava a entrada de água, de vez em quando lançava a vista aos céus pela varanda do palácio, como quem pede iluminação. Assim que lhe foi anunciada a missão dos nossos jovens, mandou-os entrar e eu entrei também.

Governador (recebe-nos com calma).

Meus filhos, eu estou convosco, conheço a nossa Goa como engenheiro e como militar. Nossas armas estão obsoletas, não temos homens suficientes para enfrentar a tropa indiana.

Põe-se-me o problema de consciência, além do problema militar.

O fogo da vossa juventude é grandioso é removedor de obstáculos, é de subir alto, criar sonhos e tocar estrelas. Abraço-vos com toda a minha alma e este abraço é extensivo à nossa cultura à nossa história. Abraço Goa toda em vós.

Como posso expor-vos à morte, juntamente com meus outros soldados? Sei que muitos deles como vós estão dispostos a morrer. E terei eu força de expô-los à morte? Esse é o meu dilema.

Eu não sou senhor de outras vidas, põe-nos a comandar máquinas? E quem comanda máquinas? Estas horas vão ser de agonia para mim. Que tipo de resistência poderemos oferecer?

Sei que a vossa dignidade vai sair intacta, porque estão perante vós mesmos. Cada um sente-se perante si quando não se vê obrigado a ser parte de grupo. Meus filhos, eu terei de responder perante mim próprio, se vos atirar para a luta com mais alguns milhares de homens, que estão sob às minhas ordens.

Poderei viver comigo próprio com a morte dos meus soldados lançados ao canhão?

Este dilema tortura-me. Não me aflige o que irá acontecer comigo, sofrirei as consequências como militar. Mas não se vive como militar, vive-se como homem.

Meus filhos a nossa missão chegou ao fim. Nunca pensei que teria de enfrentar o pacifismo com armas. Sempre sonhei com mesas redondas.

Acabou-se, estou esgotado.

Saímos todos com o peso da angústia do nosso Governador.

Eu fiquei a pensar no dilema do Governador e concluí que ele ficaria sem estrelas nos ombros.

Nunca percebi isso de estrelas, porque é que os generais que dão ordens de destruir, de atacar os homens, em fim de causar dano, morte e escuridão são ornamentados com estrelas. Estrelas são anunciadoras de paz, de nascimento, de amor, cintilam no céu para orientar os navegantes e caminhantes. E porque é que os homens se apossam de astros tão belos e reduzem-nos ao sentido tão vil? São contradições que as tradições perpetuam e nem mesmo homens de grande sensibilidade questionam-se quando as colocam nos seus ombros.

Segui o meu destino de taxista e perdi a vontade de falar, pressentia o fim da história de quase quinhentos anos.

Eugénio deixou de ser taxista guia.

Em 16 de Dezembro de 1961, Goa foi anexada à Índia. Se se lutou se não se lutou em Goa, os jornalistas o elucidarão.

Caro leitor, mas do destino do taxista desta história caiu no vazio?

Não, Eugénio deixou de falar com os seus clientes e passou a ser um taxista de respostas rotineiras: Não tenho troco, não sei exactamente onde fica essa rua etc.. E foi durante pouco tempo. Por ordem de um oficial

indiano foi detido e entregue a um militar a ser interrogado, o interrogatório transformou-se num exorcismo cruel que durou semanas. Enquanto os militares eram tratados como prisioneiros de guerra segundo a convenção de Genebra, Eugénio foi espancado e torturado de uma forma indescritível, as razões de que os militares indianos se serviram para o torturarem nunca ninguém saberá. No entanto, passou pela cabeça de alguns seres que deveria ser para justificar o que não é justificável. É necessário que haja vítimas da guerra, haja espões.

Isso de vítima de guerra, de agressor de defensor é um suplício para quem põe-se a pensar nela.

Pensar na guerra é como desenrolar um novelo, o fio vai saindo, saindo até que o homem se enrola nele e fica sem saber, como um bicho num casulo, sem a esperança de um dia se transformar em borboleta.

Porque é que o homem fica triunfante quando mata outro homem? Não diria, talvez, homem como indivíduo, mas homem – profissão que é levado a defender algo e transforma-se em agressor. Rejubila-se com a morte do seu oponente, dá gritos, canta hinos.

Eugénio foi preso após a tomada de Goa, não sei precisar a data. Não se lhe aplicou o tratamento de convenção de Genebra, ele era um taxista sabedor de segredos. Que segredos perante a óptica indiana?

Soube-se que a sua tortura durou dias. Foi pendurado numa árvore com pés para cima, o corpo sangrava e as unhas eram arrancadas, queriam que ele confessasse, que divulgasse aquilo que ele não sabia. Eugénio na sua agonia deve ter visto a pequena Adula que era muda por ser possessa de demo e ele que demónio teria no corpo? Que demónio podia mandar pelos ares as tropas indianas que já ocupavam Goa?

Não se soube nunca o nome do oficial indiano que fez esse exorcismo cruel.

Eugénio morreu desconhecido, sem monumento ao soldado desconhecido, foi o único herói de guerra desaparecido no silêncio da morte.

O seu segredo foi de ter amado o conhecimento, o saber, o caminho.

O limite da ficção e o começo da realidade é como a consciência do “rem” no sono – (rapid eye movement).

Índice